



ADOLESCENTES EM TRANSIÇÃO:

O TRABALHO DE PREPARAÇÃO PARA A VIDA
AUTÔNOMA, FORA DAS INSTITUIÇÕES DE
ACOLHIMENTO

ADOLESCENTES EM TRANSIÇÃO:

**O TRABALHO DE PREPARAÇÃO PARA A VIDA
AUTÔNOMA, FORA DAS INSTITUIÇÕES DE
ACOLHIMENTO**



**instituto
fazendohistória**

Arto Lin

ore ao tr livre

1. APRESENTAÇÃO	06
2. INTRODUÇÃO	09
3. REFLEXÕES SOBRE A ADOLESCÊNCIA	17
4. SOBRE O GRUPO NÓS	25
4.1 Objetivo geral	25
4.2 Objetivos específicos	26
4.3 Público alvo	26
4.4 Tempo de participação	26
4.5 Atores envolvidos	26
4.6 Metodologia	29
4.6.1 A entrada do jovem	30
4.6.2 Sobre o processo seletivo	31
4.6.3 Acompanhamento mensal	33
4.6.4 Encontros individuais	35
4.6.5 Grupos Temáticos	41
4.6.6 Saídas Culturais	46
4.7 Articulação com parceiros	51
4.8 Cronograma	54
4.9 Avaliação	56
4.10 Fechar os ciclos	62
4.11 Depoimentos	63
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	67
ANEXOS	69

1. APRESENTAÇÃO

O Instituto Fazendo História é uma organização social fundada em 2005, com a missão de colaborar com o desenvolvimento de crianças e adolescentes com experiência de acolhimento, a fim de fortalecê-los para que se apropriem de suas histórias e criem alternativas saudáveis para seu percurso biográfico. Apostando no direito às histórias de vida, na franqueza das relações, no compartilhar de conhecimento, no trabalho voluntário qualificado e, acima de tudo, no compromisso com as crianças e adolescentes, busca garantir a eles o direito de se desenvolver plenamente, em família, e na comunidade.

A atuação do Instituto está baseada nas diretrizes dos documentos legais que fornecem parâmetros para os cuidados com as crianças e adolescentes separados de suas famílias, buscando possibilitar a ressignificação e elaboração de suas vivências. Acompanhá-los na construção de uma narrativa sobre suas histórias, com interesse e respeito, possibilita que criem suas trajetórias como protagonistas de suas vidas, evitando repetições presentes, com frequência, em suas histórias familiares.

Nesta perspectiva, o Instituto contribui para que as vivências do delicado momento do acolhimento e anteriores a ele sejam elaboradas pelas crianças e adolescentes. Os programas desenvolvidos junto às crianças e adolescentes buscam auxiliá-las na compreensão dos fatores que levaram a esta medida de proteção a partir da construção e manutenção de vínculos afetivos com pessoas da comunidade, fortalecendo-os para o retorno à convivência familiar, para o processo de adoção ou para construção de um projeto de vida autônomo.

Nesse contexto, o Grupo nÓs tem a finalidade de estudar a especificidade do acolhimento de adolescentes e criar estratégias de intervenção que apoiem cada um deles no processo de transição para a vida fora das instituições, facilitando a construção e fortalecimento de redes de pertencimento (sociais, familiares, culturais e comunitárias) e de projetos de vida que façam sentido em suas trajetórias. O trabalho é realizado diretamente com os adolescentes e com os adultos responsáveis por eles, antes e após a saída do acolhimento, desenvolvendo um trabalho técnico que colabore para o enfrentamento dos desafios de construção de uma vida autônoma.

Esse texto foi realizado pelo desejo dos profissionais do Grupo nÓs de compartilhar com os trabalhadores e estudiosos da área as reflexões, experiências e práticas construídas, avaliadas e reconstruídas desde 2011. A finalidade de tornar público este projeto é apresentar um trabalho em desenvolvimento que sirva de inspiração para novas e melhores estratégias e políticas de garantia do exercício dos direitos dos adolescentes que vivem a transição do acolhimento para a vida autônoma.



2. INTRODUÇÃO

No Brasil, 4.151 adolescentes entre 16 a 17 anos vivem em serviços de acolhimento institucional, segundo dados do Senso SUAS 2014¹. Destes, há um número considerável que ao atingir a maioridade e sair dos serviços de acolhimento, precisa enfrentar os desafios de uma nova etapa da vida cheia de responsabilidades, com pouco ou nenhum suporte de pessoas, organizações ou políticas públicas.

Dados do Conselho Nacional do Ministério Público (CNMP)² coletados entre março de 2012 e março de 2013, em um levantamento com 86% dos serviços de acolhimento do país, revelam que nesse período 1.141 adolescentes acolhidos foram desligados dos serviços por completarem 18 anos. Um número significativo de jovens que ainda precisam de suporte e auxílio para seguir a vida de forma produtiva e saudável.

Pesquisas internacionais evidenciam desvantagens significativas no desenvolvimento de crianças e adolescentes que estiveram acolhidos em relação àqueles que cresceram junto a uma família. O acolhimento implica algumas possíveis vivências difíceis, como a separação de pessoas queridas; ou mesmo traumáticas, como negligência, abandono, violência física, psicológica e sexual, que produzem marcas significativas na história pessoal. Por viverem em contextos vulneráveis e terem poucos espaços para elaboração de suas vivências quando acolhidos, os adolescentes podem apresentar maiores índices de uso abusivo de substâncias psicoativas, comportamento sexual de risco, gravidez precoce e/ou indesejada, alguma relação com a prática de ato infracional; quando comparados com adolescentes que não viveram a experiência de acolhimento institucional.

Os serviços de acolhimento institucional caracterizam a maioria dos serviços de acolhimento³ no Brasil, e apresentam aspectos em sua estrutura e funcionamento que afetam o desenvolvimento de crianças e adolescentes separados de suas famílias.

¹ <http://aplicacoes.mds.gov.br/sagi/snass/vigilancia/index2.php>

² http://www.cnmp.mp.br/portal/images/stories/Destaques/Publicacoes/Res_71_VOLUME_1_WEB_.PDF

³ Há ainda a casa-lar, o acolhimento familiar e as repúblicas

A rotatividade dos adultos cuidadores (técnicos e, principalmente, educadores) ao longo do tempo, o não investimento na construção de vínculos afetivos duradouros, a precariedade e falta de continuidade dos cuidados no cotidiano fazem parte dessa realidade. Além disso, é importante considerar que um número significativo de serviços de acolhimento ainda guarda em suas práticas um histórico assistencialista, colocando e mantendo crianças e adolescentes na posição de vítimas e despossuídos, vistos com poucos recursos e capacidade de retribuição.

Nos serviços de acolhimento que se caracterizam por essa dinâmica institucional, os adolescentes têm poucos espaços de reflexões e trocas, individuais e coletivas, que os ajudem a perceber e reconhecer suas habilidades, qualidades e potências, bem como poucos espaços de expressão e de tomada de decisão junto aos adultos cuidadores. Muito é pensado por eles; pouco é pensado com eles, comprometendo o desenvolvimento de autonomia e protagonismo.

AUTONOMIA é a capacidade de fazer escolhas e se responsabilizar por elas.

PROTAGONISMO é ser agente principal da própria vida.

Ao completarem 18 anos, os adolescentes acolhidos vivem uma emancipação obrigatória, independente de seu grau de preparo e maturidade para essa nova etapa da vida. Eles se deparam com diversas situações práticas e vivências emocionais e sociais complexas: a ambiguidade entre o desejo e o temor de sair da instituição, as dúvidas quanto ao trabalho, a garantia de sobrevivência, moradia e, até mesmo, o despreparo para lidar com as tarefas do cotidiano. Com pouco suporte das políticas públicas, de uma rede de apoio social e emocional, muitos deles sentem-se sozinhos, perdidos, com pouca ou nenhuma referência, com baixa autoestima e com poucos recursos pessoais para seguir essa etapa da vida que exige autonomia e protagonismo.

Atualmente, temos clareza sobre o que é necessário para que o adolescente saia do serviço de acolhimento com mais recursos para enfrentar os desafios de uma vida autônoma: ter seus estudos em dia, um emprego que garanta seu sustento, uma casa para morar, lazer, esporte, cultura, saúde e emprego. Tão importante quanto é ter desenvolvido relações com grupos e/ou adultos de referência que sejam apoio e suporte em situações difíceis ou conflitivas que fazem parte desse novo momento em sua vida.

O Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), em seu artigo 92, aponta a obrigação dos serviços de acolhimento de realizar uma preparação gradativa e contínua para o desligamento do jovem e, faz parte disso, envolvê-lo com a comunidade local e favorecer a participação de pessoas da comunidade em seu processo educativo; ou seja, capacitá-lo para o trânsito social.

ECA – ESTATUTO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE

Art. 92. As entidades que desenvolvam programas de acolhimento familiar ou institucional deverão adotar os seguintes princípios:

- VII participação na vida da comunidade local;
- VIII preparação gradativa para o desligamento;
- IX participação de pessoas da comunidade no processo educativo.

O Plano Nacional de Promoção, Proteção e Defesa do Direito de Crianças e Adolescentes à Convivência Familiar e Comunitária⁴, documento que traz parâmetros para o acolhimento, também ressalta a importância da manutenção e do fortalecimento dos vínculos familiares e comunitários durante o acolhimento, garantindo que a saída do serviço ocorra de modo gradativo e produtivo.

⁴ <http://www.sdh.gov.br/assuntos/criancas-e-adolescentes/programas/pdf/plano-nacional-de-convivencia-familiar-e.pdf>

É evidente que quanto mais rica a experiência comunitária do adolescente durante o acolhimento, maior a chance de ele continuar sua vida de forma autônoma, responsável e participativa. Conhecer e fazer parte de grupos de pertencimento que favorecem a construção de seus projetos e a formação de sua identidade, se apropriar do uso dos recursos da cidade e ter vínculos estáveis e duradouros com adultos de referência são direitos que contribuem para o fortalecimento da autonomia.

É consenso em todos os documentos de referência na área a necessidade da participação do adolescente em programas de qualificação profissional, de inserção no mercado de trabalho e de espaços de escuta que favoreçam a participação ativa na construção de seus projetos pessoais e o desenvolvimento gradual da autonomia.

A saída do serviço de acolhimento deve ser cuidada e planejada através da construção do Plano Individual de Atendimento (PIA), desenhado e realizado pelos profissionais do serviço junto ao adolescente e sua rede de apoio, estabelecendo encaminhamentos e ações concretas que levem em consideração sua história e características pessoais. O PIA exige e só faz sentido quando construído com a participação ativa do adolescente, levando em conta suas características, necessidades, desejos, habilidades, dificuldades e as exigências da realidade que constituem as condições objetivas de sua vida.

O desligamento bem sucedido é fruto de um trabalho produtivo e articulado do serviço de acolhimento, da rede na qual o serviço está situado e do jovem. A aquisição de habilidades práticas - gerir dinheiro, cuidar da casa, fazer comida, trabalhar - e o acesso a informações importantes para esse momento da vida (benefícios disponíveis, alternativas de moradia, possibilidades de emprego) devem fazer parte do processo de socialização ao longo de sua permanência no acolhimento, com espaços para experimentações, acompanhamento e orientação quanto às dificuldades e impasses emergentes nessa transição. Ou seja, muitas 'idas e vindas' acontecem e é papel dos adultos que os apoiam manejar de modo produtivo as desistências e provocações dos adolescentes e os desafios impostos a eles na realização de seus projetos pessoais.

ECA, Art. 101

- § 4º** Imediatamente após o acolhimento da criança ou do adolescente, a entidade responsável pelo programa de acolhimento institucional ou familiar elaborará um plano individual de atendimento, visando à reintegração familiar, ressalvada a existência de ordem escrita e fundamentada em contrário de autoridade judiciária competente, caso em que também deverá contemplar sua colocação em família substituta, observadas as regras e princípios desta Lei.
- § 5º** O plano individual será elaborado sob a responsabilidade da equipe técnica do respectivo programa de atendimento e levará em consideração a opinião da criança ou do adolescente e a oitiva dos pais ou do responsável.
- § 6º** Constarão do plano individual, dentre outros:
- I os resultados da avaliação interdisciplinar;
 - II os compromissos assumidos pelos pais ou responsável; e
 - III a previsão das atividades a serem desenvolvidas com a criança ou com o adolescente acolhido e seus pais ou responsável, com vista na reintegração familiar ou, caso seja esta vedada por expressa e fundamentada determinação judicial, as providências a serem tomadas para sua colocação em família substituta, sob direta supervisão da autoridade judiciária.

Em síntese, esse processo de transição poderá ser bem sucedido na medida que possibilitar ao adolescente, ao longo de sua permanência no serviço de acolhimento, reconhecer suas potências, conhecer as possibilidades da coletividade na qual irá participar, contar com uma rede de apoio e com oportunidades de desenvolvimento e redefinição de seu projeto pessoal. Se o desligamento do serviço de acolhimento ocorre de modo repentino e com pouco preparo anterior pode se configurar como um novo momento de ruptura, colocando o adolescente em uma situação de vulnerabilidade sem ter estabelecido novas referências, o que gera sentimentos de desamparo e abandono e a construção ou opção por alternativas pouco produtivas em sua participação na sociedade.

Atualmente existem poucas respostas às demandas desse grupo no momento de transição. Uma delas é a República Jovem, serviço que atende jovens egressos do sistema de proteção, entre 18 a 21 anos, oferecendo moradia subsidiada, apoio e acompanhamento por uma equipe técnica.

Esse serviço, porém, não existe em número suficiente em todo o Brasil e, muitas vezes, não é para todos os jovens que saem de serviços de acolhimento: muitos querem morar sozinhos, outros não querem morar na sua localidade ou não atendem o perfil determinado pela própria República.

O censo SUAS registrou, em 2014, 2.633 jovens de 18 a 21 anos acolhidos em diversos tipos de serviços, como abrigos para crianças e adolescentes (501 jovens), albergues para pessoas em situação de rua ou imigrantes (1.454 jovens), serviços exclusivos para deficientes (427 jovens), serviços para famílias desabrigadas (30 jovens), unidades para mulheres em situação de violência (59 jovens), serviços específicos para idosos (42 jovens) e unidades para egressos dos serviços de acolhimento (120 jovens).

Apesar de não ser específico para os jovens que saíram dos serviços de acolhimento, o Centro de Referência da Assistência Social (CRAS) e o Centro de Referência Especializado de Assistência Social (CREAS) são serviços da Assistência Social aos quais os jovens podem recorrer para tratar de aspectos referentes às dificuldades enfrentadas com a saída do acolhimento, como a necessidade de benefício, encaminhamento para curso profissionalizante, mercado de trabalho ou outras necessidades.

Ainda é preciso trabalhar muito na construção de políticas efetivas e serviços eficientes de apoio ao jovem em acolhimento e após sua saída. Outros caminhos devem ser pensados e testados. Nesse documento, há o relato da resposta do Instituto Fazendo História às demandas desses adolescentes e jovens. Importante ressaltar que é uma proposta ainda em construção porque, apesar de formulada e avaliada continuamente ao longo dos últimos 5 anos, sempre há novos questionamentos e situações que emergem da prática cotidiana e exigem a formulação de novas e diferentes estratégias.

O CENTRO DE REFERÊNCIA DE ASSISTÊNCIA SOCIAL (CRAS) é uma unidade pública que executa os serviços de proteção social básica, destinados à população em situação de vulnerabilidade social.

O Centro de Referência Especializado da Assistência Social (CREAS) executa serviços de proteção social especial. É uma unidade pública onde se ofertam serviços para uma população que teve seus direitos violados (violência física, psicológica, sexual, situação de rua, entre outros). O CREAS procura tanto garantir a proteção da família quanto favorecer a reparação da situação de violência vivida.

Fonte: www.brasil.gov.br



3. REFLEXÕES SOBRE A ADOLESCÊNCIA

Adolescer em latim significa nascer, brotar, crescer, fortificar-se, ultrapassar a idade da tutela e tornar-se maior.

É difícil definir com exatidão o início e o final da adolescência. A Organização Mundial da Saúde estipula que esta fase vai dos 10 aos 20 anos. No Brasil, segundo o Estatuto da Criança e do Adolescente, a adolescência é considerada o período entre os 12 e os 18 anos de idade. Já o Estatuto da Juventude define como jovem a pessoa com idade entre 15 e 29 anos.

A adolescência se caracteriza por ser um período da vida marcado por mudanças significativas e intensas. Nessa fase, acontecem algumas perdas importantes, que transformam o modo como o jovem se reconhece e se coloca no mundo. Ele perde o corpo da infância e ganha um novo corpo, que se transforma rapidamente, produzindo mudanças na autoimagem e autoestima. Perde os pais da infância porque, diferente do ideal infantil, os adultos de referência passam a ser vistos como aqueles que falham, que não são mais tão poderosos e podem ser questionados. Os sonhos fantasiosos e desejos de criança são substituídos por outros que ganham intensidade e passam, ao longo dessa etapa da vida, a serem confrontados com os limites da realidade e de si mesmo.

Tais transformações convocam o jovem a dar novos sentidos e significados para o próprio corpo, para os laços sociais e para suas relações, construindo uma nova definição de si mesmo. A adolescência é a passagem do mundo infantil para o mundo adulto, momento em que se torna necessário fazer escolhas pessoais, profissionais e continuar a construir sua identidade para dar conta desse momento e das expectativas sociais. É o tempo de vislumbrar quem é e quem se deseja ser, pautado em novos parâmetros que exigem maior responsabilidade e a superação dos comportamentos infantis. Nesse percurso, torna-se necessário se reposicionar diante da vida e dos valores que o orientarão.

É, portanto, um tempo de intenso trabalho emocional, no qual sentimentos como angústia, insegurança e solidão permeiam o modo como o adolescente se expressa na busca por seu lugar no mundo.

Nesse processo de desenvolvimento, o adolescente busca outras experiências e referências fora do núcleo em que está inserido, seja familiar ou de acolhimento. Nessa fase, o grupo de amigos, as tribos, as relações amorosas e as manifestações culturais tornam-se referências fundamentais, pois encontra, através deles, o sentido de pertencimento, de identificação, igualdade e aceitação.

Ao mesmo tempo, é comum que o jovem 'teste' tudo e todos, desafiando tanto a autoridade dos adultos como os próprios limites individuais. É, também, através da oposição que ele constrói sua identidade. A descoberta do que 'não sou' é um grande passo na definição de 'quem sou'.

Essas transformações, com frequência, geram frustrações e sentimentos hostis nos adultos responsáveis pelos adolescentes. O que é dito pelo adulto aparentemente nem sempre é ouvido e a oposição do jovem costuma ser a primeira reação. É comum o embate de argumentos que mais afasta do que aproxima. Ao adulto (que já foi adolescente!) resta buscar entender esse momento de transição, dar apoio, ouvir e orientar, considerando que o que viveu e aprendeu em sua adolescência não é necessariamente aquilo que faz sentido para esse adolescente com quem convive. Cabe aos adultos esse movimento de aproximação.

A adolescência é, sobretudo, um tempo de resgate da própria história. A partir dela, se torna possível re-significar, superar ou identificar-se com os valores e significados de sua origem para construir e escrever uma história futura. Para adolescentes acolhidos, entrar em contato elaborar e integrar suas histórias pessoais é condição para que não repitam possíveis histórias de abandono e violência. Nessa reflexão, o papel dos adultos responsáveis e com os quais ele convive é fundamental.

A construção de projetos futuros é produto da visão que o adolescente tem de si mesmo, de suas qualidades, desejos e propósitos e, também, do contexto social e oportuni-

dades oferecidas a ele. Para a elaboração desses projetos, a construção das escolhas individuais é uma condição necessária. Isso parece óbvio e, na realidade, é um enorme desafio, uma vez que os adolescentes apresentam certa (ou intensa) instabilidade afetiva e, portanto uma labilidade de interesses que fazem parte dessa etapa da vida. Experimentar, desistir, experimentar de novo são movimentos que fazem parte da descoberta do mundo e suas possibilidades e de seu próprio processo de amadurecimento. Nesse sentido, é importante acompanhar, problematizar e legitimar esta grande mudança de interesses que, do ponto de vista do adulto, pode ressoar como não reconhecimento de seu esforço de obter cursos, empregos e outros encaminhamentos.

A adolescência é o momento em que escolhas começam a ser feitas, também, através de análise, considerações e ponderações, revelando crescimento e capacidade de se colocar enquanto sujeito. Esse processo, que começou bem antes com a tomada de pequenas decisões pelas quais se responsabilizou, se refere a conquista de autonomia.

É fundamental o desenvolvimento de um trabalho cotidiano que possibilite aos adolescentes um encontro com seus desejos e potencialidades e a vivência de um ambiente pautado por valores éticos organizadores de seus valores pessoais, para construir projetos de vida que não se referem apenas a metas materiais – ter – mas ao tipo de pessoa que deseja ser.

O adolescente precisa de apoio para realizar essas ações. E precisa de ajuda para perceber que suas ações no presente constroem seu futuro. Um desafio refere-se ao significado do tempo para o adolescente. Ele é imediatista: tudo é agora. Para o jovem é difícil tolerar a espera por resultados e visualizar as pequenas conquistas. O adulto que acolhe e mostra isso pode auxiliá-lo a ‘aprender a esperar’, ao estabelecer e discriminar, com ele, objetivos a curto, médio e longo prazo.

O adolescente está em busca de seu lugar na sociedade e precisa de oportunidades de atividades com diferentes linguagens para ampliar seu olhar, seu repertório e sua perspectiva. Ao mesmo tempo, deve ter uma referência do funcionamento da sociedade em seus aspectos de desigualdade de oportunidades. Isso o ajudará a perceber

caminhos possíveis e viáveis que tenham relação com sua própria potência, além de permitir com que construa uma postura crítica a respeito desta realidade.

O trabalho junto ao adolescente revela a importância de considerar o contexto social no qual ele está inserido. Os adolescentes em acolhimento, em sua quase totalidade, têm sua origem social marcada por condições precárias de existência que não garantem seus direitos básicos de acesso a equipamentos de educação, saúde, lazer e cultura. A ausência de espaços de circulação e ampliação de repertório em áreas de alta vulnerabilidade e, ao mesmo tempo, o acesso a diferentes mídias que os informa sobre a multiplicidade de experiências possíveis e o consumo de ícones de identidade, dificulta a identificação com sua comunidade de origem e o sentimento de pertencimento ao seu território.

Nesse sentido, em algumas situações, a prática do ato infracional pode emergir como oportunidade para a realização de seus interesses, vontades e no qual muitos encontram uma identidade e um lugar de pertencimento; ou, é o lugar social esperado que ele ocupe. O uso abusivo de drogas lícitas e ilícitas, cujas determinações são inúmeras e devem ser pesquisadas na história e circunstâncias atuais de vida do adolescente, também pode dizer da precariedade de oportunidades.

“A drogadição não se deve unicamente a fatores sociais ou econômicos (...). Entretanto, não podemos esquecer, ao falar de violência, que 80 milhões de brasileiros ganham um salário mínimo ou menos que isso. Que possuímos cerca de 20 milhões de crianças e adolescentes abaixo da linha da miséria: sete vezes toda a população do Uruguai e cerca de metade de toda a população da Argentina. É a violência da exclusão. E, sabemos que, quando o Estado não está presente, o narcotráfico ocupa os espaços sociais.” (Outeiral, J. pag. 56)⁵

O historiador Eric Hobsbawm, em “O breve século XX”⁶, afirma que jovens do mundo todo não se conformam com a distribuição desigual de renda e benefícios, sendo muitos de seus comportamentos hostis e movimentos de contestação, reveladores desse inconformismo.

⁵ OUTEIRAL, José. *Adolescer*. Rio de Janeiro, Revinter, 2008.

⁶ HOBBSAWM, Eric. *A Era dos Extremos: o breve século XX*. São Paulo, Companhia das Letras, 1995.

Além de considerar as condições sociais e econômicas, em particular a desigualdade social, para compreender o adolescente de hoje é necessário considerar os novos fenômenos da contemporaneidade. A banalização da violência – pela repetição, pelo excesso de reverberação na mídia, pela impunidade – produz um ambiente cultural no qual as crianças e adolescentes formam sua identidade – desenvolvem valores, padrões de sociabilidade e de convivência – e a violência como padrão de convivência humana se torna naturalizada em suas diferentes expressões: a intolerância, o preconceito, a humilhação, o crime.

A associação adolescência – violência pode ser observada em todas as partes do mundo. No Brasil, ela se revela na criminalização dos adolescentes pobres e, particularmente dos pobres e negros, considerados perigosos ou potencialmente perigosos. É relevante mencionar que Brasil é o 3º país do mundo no homicídio de adolescentes e a primeira causa de morte é a arma de fogo (Mapa da violência, 2013).

A descontinuidade na relação entre gerações que, por vezes assume o caráter de ‘conflito de gerações’ não é um fenômeno novo. Contudo, a partir do final da década de 90, o historiador Eric Hobsbawm afirma que ocorre algo novo, ainda incompreensível e cujos efeitos são desconhecidos: a ruptura das novas gerações com os valores das gerações anteriores, com os valores da tradição e da história.

Outro aspecto que chama a atenção é que a autoimagem e autoestima, na sociedade atual, aparecem associadas ao consumo, por exemplo de marcas e grifes. O fenômeno da ostentação (ter roupas, jóias, carros) torna-se referência na formação da identidade de parcela significativa de jovens.

Além do consumismo associado ao bem estar, ao status, muitos outros fenômenos contemporâneos determinam a formação dos adolescentes e jovens: a medicalização do sofrimento, a erotização da infância, o acesso às novas tecnologias de comunicação. Esses são aspectos de uma sociedade narcísica onde os interesses individuais prevalecem sobre os coletivos e é nesse ambiente cultural que as crianças e adolescentes são socializados.

A repercussão (os efeitos) e a apropriação de aspectos sociais, econômicos e culturais na história de vida de cada um é absolutamente singular e produz diferentes modos de ser, existir e transitar no mundo; ou seja, há muitos modos de ser adolescente. Um exemplo disso são as diferentes tribos com sua música, vestuário, linguagem, valores e comportamento próprios como os skatistas, os surfistas, os punks, os funkeiros, entre outros.

Para entender o funcionamento de um adolescente é importante ir além das aparências. É necessário superar a ideia de que o conflito diz respeito exclusivamente à relação com a autoridade, com as regras e a lei. O conflito não ocorre só no mundo objetivo do jovem, é um acontecimento perturbador no mundo subjetivo, um acontecimento interno em que há a junção de impulsos opostos que interagem com diferentes exigências sociais. Essa vivência produz ansiedade, dificuldade de se posicionar considerando as consequências e pode revelar comportamentos instáveis, explosivos e ininteligíveis.

Isso aponta para a necessidade de cada adolescente ser acompanhado em sua trajetória pessoal por adultos que entendam esses processos, apoiem, suportem, acompanhem, torçam, se emocionem juntos e forneçam limites claros e não arbitrários. Precisam de adultos que se importem verdadeiramente com eles.





4. SOBRE O GRUPO NÓS

Parece que vem uma explosão de sentimentos, tudo de uma vez só: tristeza por estar indo embora, alegria por ter a tão sonhada liberdade, solidão e a necessidade de alguém por perto... Os sentimentos que vem quando estamos dizendo adeus ao abrigo são muito intensos, mas nada que não possa ser controlado e usado a nosso favor. É importante ser forte e seguir em frente de cabeça erguida, pois o mundo nos espera!

Willian Jonathan, em seu segundo ano no Grupo nós

O Grupo nós surgiu em 2011 a partir da constatação que os adolescentes que estão nos serviços de acolhimento nessa etapa de suas vidas e, mais particularmente quando se aproximam do momento da saída do abrigo, vivem muitas dúvidas quanto às suas perspectivas de futuro e quanto ao seu preparo pessoal para lidar de modo autônomo com as novas exigências da vida na cidade. Além disso, o trabalho desenvolvido pelos demais programas do IFH revelou a dificuldade de grande parte dos serviços de acolhimento em preparar e instrumentalizar os adolescentes para esse episódio importante de suas vidas que é o desligamento do serviço de acolhimento. A partir desses dados empíricos foi elaborado o projeto do Grupo nós.

4.1. OBJETIVO GERAL

Acompanhar e facilitar o processo de transição de adolescentes em situação de acolhimento para a vida autônoma e inserida na comunidade.

4.2. OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Levar os adolescentes a:

- * Desenvolver projeto profissional
- * Desenvolver projeto de moradia
- * Usar o dinheiro de modo consciente
- * Apropriar-se do uso da cidade e ampliar seu repertório cultural

4.3. PÚBLICO ALVO

Jovens a partir dos 16 anos com experiência de acolhimento.

(Algumas das ações propostas podem ser desenvolvidas com adolescentes mais novos, com 14 e 15 anos, de acordo com o desenvolvimento e necessidade de cada um).

4.4. TEMPO DE PARTICIPAÇÃO NO PROGRAMA

3 anos. Este período pode ser estendido caso a equipe do Grupo nÓs e o jovem avaliem a necessidade.

4.5. ATORES ENVOLVIDOS

O trabalho se realiza através de uma parceria estabelecida entre profissionais do Grupo nÓs, profissionais dos serviços de acolhimento, adolescentes que moram ou jovens que moraram em serviços de acolhimento e parceiros, que podem ser voluntários, empresas apoiadoras ou outras organizações sociais. Cada um destes atores tem uma função específica no programa.



Jovem: oportunidade de construir novos vínculos; compartilhar suas histórias e perspectivas com outros adolescentes e jovens que passam por situações semelhantes; acesso e encaminhamento para cursos profissionalizantes e vagas de trabalho em empresas parceiras; suporte para o desenvolvimento do projeto de moradia; suporte financeiro para projetos pessoais; conhecer espaços públicos e culturais da cidade; apoio no desligamento do serviço de acolhimento.

Serviço de Acolhimento: equipe profissional recebe apoio e suporte para construir metodologias de trabalho que visam o desenvolvimento dos projetos de vida de cada adolescente acolhido, tendo em vista a escuta e o protagonismo do adolescente nesse processo; reflexão junto aos profissionais do Grupo nÓs sobre cada adolescente, construindo sua linha da vida para a compreensão qualificada de seu passado, presente e perspectivas futuras.

Parceiros: envolvimento de voluntários, empresas apoiadoras ou organizações sociais na oferta de espaços de formação e desenvolvimento pessoal em diferentes áreas ou possibilidades de estágios e trabalho; realização de encontros, oficinas ou cursos com a finalidade de ampliação das competências pessoais do adolescente e suporte para construção de seus projetos de vida. Há voluntários que se disponibilizam a ser referência para os jovens a partir do desenvolvimento e manutenção de vínculos afetivos duradouros, supervisionados pela equipe do Grupo nÓs.

Grupo nós: suporte a todos os demais atores, buscando articular e integrá-los; acompanhamento dos jovens em encontros individuais e/ou grupais; reflexão junto as equipes profissionais dos serviços de acolhimento sobre os encaminhamentos para cada jovem; alinhamento das expectativas e estabelecimento de parcerias com empresas e organizações; formação e supervisão dos voluntários.

QUEM É A EQUIPE DO NÓS?

A equipe profissional do Grupo nós é composta por um coordenador, técnicos e supervisor.

O coordenador é responsável por garantir a viabilização das ações planejadas, supervisionar os técnicos, articular as parcerias institucionais e avaliar o programa. Os técnicos realizam o trabalho individual e/ou em grupo com os adolescentes, realizam a formação e supervisão dos voluntários, reuniões com as equipes dos serviços de acolhimento e auxiliam a coordenação na articulação dos parceiros. O supervisor é responsável por promover discussões sobre cada adolescente, aprofundando as questões relevantes para os encaminhamentos necessários, auxiliando na leitura crítica de cada caso e trazendo à tona seus aspectos invisíveis.

A coordenação e os técnicos se reúnem semanalmente (duas horas) para alinhamento, planejamento e avaliação das ações, além de discussão de questões pontuais referentes ao acompanhamento dos jovens. O aprofundamento das discussões é realizado em supervisões semanais, nas quais se avalia o processo de desenvolvimento de cada adolescente e são planejadas as intervenções e encaminhamentos. O espaço de supervisão permite reconhecer e analisar como os casos mobilizam os próprios técnicos e entrar em contato com aspectos pessoais que podem interferir nos atendimentos.

4.6. METODOLOGIA

Todas as ações do programa visam a promoção da autonomia e protagonismo dos jovens, para que, por ocasião do desligamento dos serviços de acolhimento, tenham possibilidades sólidas de construção e realização de seus projetos de vida. Para isso, os jovens precisam de relações de respeito e confiança com pessoas que ofereçam suporte consistente e de longo prazo para que desenhem e realizem seus projetos de forma autônoma.

No Grupo nÓs, o jovem com 16 anos que vive em um serviço de acolhimento começa a ser acompanhado e nessa primeira fase irá iniciar a construção dos projetos que se concretizarão até sua saída do acolhimento, quando completar 18 anos. Durante 3 anos, participa de encontros em grupo com outros jovens que estão em situação semelhante e terá ao menos um adulto - profissional do Grupo nÓs ou voluntário supervisionado por esse profissional - que o acompanha através de encontros individuais periódicos.

A seguir, você verá a descrição de cada etapa do programa e pode se inspirar para criação de ações que garantam o direito de jovens à construção e realização acompanhada de seus projetos de vida e do fortalecimento de suas redes de pertencimento social, cultural, familiar e comunitário.

“O **DESLIGAMENTO** não deve ser visto como um momento apenas, mas como resultado de um processo contínuo de desenvolvimento da autonomia e como resultado de um investimento no acompanhamento da situação de cada criança e adolescente. Particularmente no que diz respeito aos adolescentes, a preparação para o desligamento deve incluir o acesso a programas de qualificação profissional e inserção no mercado de trabalho, como aprendiz ou trabalhador – observadas as devidas limitações e determinações da Lei nesse sentido, visando sua preparação para uma vida autônoma”. (Orientações Técnicas, página 61).

4.6.1. A ENTRADA DO JOVEM NO GRUPO NÓS

É fundamental que o jovem esteja esclarecido sobre a proposta do Grupo, se sinta seguro e esteja disponível para viver e construir junto com o grupo seu processo de desenvolvimento, ao longo do tempo. Ele deve conhecer desde o início a proposta, o que ele deve oferecer e o que receberá com sua participação no Grupo nós. É condição necessária que o jovem tenha clareza dos objetivos do Grupo e um desejo genuíno de envolvimento. Ele deve ser estimulado e incentivado a participar, e a decisão final - fazer parte ou não do Grupo -, deve ser feita por ele. Participar precisa ser uma **ESCOLHA**.

A ajuda aos jovens para a tomada de decisão quanto à participação no Grupo começa na realização de um **processo seletivo** que, além de apresentar a proposta detalhadamente, possibilita a cada um refletir sobre si, seus desejos, sonhos e projetos pessoais. Esse processo já se configura como uma primeira formação para o jovem, que pode escolher de forma mais consistente e apropriada se quer ou não se comprometer e aderir ao programa.

FAZER ESCOLHAS não é algo tão simples, ainda mais na adolescência! Escolher significa ter certa apropriação de si mesmo, dos desejos e das exigências da realidade para realizar seus interesses. E justamente na adolescência, esses aspectos estão em plena transformação. Por isso, paciência e persistência devem ser características dos adultos que acompanham os jovens.

4.6.2. SOBRE O PROCESSO SELETIVO

Após os primeiros contatos entre a equipe profissional do serviço de acolhimento e a equipe do Grupo nÓs para apresentação do programa e esclarecimentos a respeito dos critérios de participação, o jovem indicado participa de um **encontro de apresentação do programa (anexo 1)** realizado pelos técnicos do Grupo nÓs em parceria com jovens que participam do Grupo. Neste dia, além da descrição dos objetivos e funcionamento do programa, o jovem é convidado a experimentar atividades de entrosamento com os demais adolescentes e de sensibilização quanto a temas próprios dessa etapa da vida. Ao final deste encontro, cada um é incentivado a escrever uma **carta de intenção (anexo 2)** sobre o seu desejo de participar, a ser enviada à equipe do Grupo nÓs, em um prazo de 15 dias.

CRITÉRIOS PARA PARTICIPAR DA SELEÇÃO E ENTRAR NO GRUPO

- Ter 16 anos
- Escolher entrar no Grupo
- Comprometer-se com as atividades
- O serviço de acolhimento manifesta acordo com a decisão do adolescente e há disponibilidade para a reflexão quanto aos encaminhamentos para cada um dos adolescentes

Após a leitura da carta de intenção, a equipe do programa realiza uma **conversa** individual com o jovem, com o objetivo de conhecê-lo, tirar as dúvidas que surgiram a partir da carta, entender as expectativas e dúvidas com relação ao programa, como vê o acompanhamento individual e como espera contribuir para o grupo. Nessa conversa também é realizada uma **primeira avaliação (anexo 3)** que mapeia a situação atual do jovem em relação a cada um dos objetivos propostos pelo Grupo nÓs.

A seguir, ele é convidado a participar da próxima etapa do processo seletivo, as **oficinas de propósito (anexo 4)**. São oito encontros de grupo em que cada jovem interessado em fazer parte do Grupo terá a oportunidade de conhecer e abordar aspectos de sua identidade, saber mais sobre si mesmo, entrar em contato com sua imaginação e criatividade, reconhecer suas qualidades e propósitos, e esboçar alguns caminhos para alcançar seus sonhos, considerando dados da realidade.

Ao término das oficinas, o jovem terá condições de escolher sobre o ingresso na segunda etapa do Grupo n^{os}. Quando o jovem opta por participar, a equipe profissional do programa faz uma reunião para estabelecer a parceria junto ao jovem e à equipe do serviço. Neste encontro, é retomado o funcionamento do programa e as dúvidas são esclarecidas. O **termo de parceria (anexo 5)** é lido e assinado, definindo os compromissos de todas as partes envolvidas.

SEQUÊNCIA DOS PROCEDIMENTOS DE SELEÇÃO PARA A PARTICIPAÇÃO:

1. Apresentação do projeto e dos critérios de participação para as equipes profissionais dos serviços de acolhimento com interesse de estabelecer parceria com o Grupo n^{os}.
2. Convocação dos adolescentes para apresentação da proposta.
3. Inscrição através de carta de interesse.
2. Conversas individuais com os adolescentes que enviaram as cartas e avaliação inicial.
3. Participação nas oficinas de propósito.
6. Entrevista com os jovens para definir a continuidade no programa.
7. Reunião com os profissionais dos serviços e adolescentes para assinatura do termo de parceria do Grupo n^{os}.

4.6.3. ACOMPANHAMENTO MENSAL

O adolescente que escolhe permanecer no Grupo nÓs entra em um **ritmo mensal** de atividades ao longo de 3 anos, composto por:

- **Encontros individuais** (2 vezes por mês) com um adulto de referência, com o objetivo de acompanhar o adolescente em todo o seu processo, esclarecer dúvidas, favorecer a efetivação de seu projeto, dar apoio e suporte em situações de crise. O adulto de referência pode ser um técnico do Grupo nÓs ou um voluntário da comunidade preparado e acompanhado para desenvolver estes encontros;
- **Grupos temáticos** (1 vez por mês) com abordagem e aprofundamento de temas de interesse e relevantes como subsídios para a realização dos projetos de vida, em conjunto com os demais participantes do programa;
- **Saída cultural** (1 vez por mês) em grupo, com os demais participantes do programa, com objetivo de apropriação da cidade e ampliação de referências culturais;
- **Acompanhamento contínuo** pelo adulto de referência, através de atendimentos telefônicos e internet;
- **Grupo fechado no Facebook**, que conecta todos os participantes e com acesso a oportunidades de cursos, trabalho, atividades culturais, informes dos encontros e fotos das atividades.

“Embora nas entidades de acolhimento sejam oferecidas diversas oportunidades ao adolescente, observa-se que a adesão é bastante problemática e muito frequentemente o adolescente abandona o projeto ou não se beneficia deste. Em nossa avaliação, a principal razão para isso deve-se à ausência de figuras de referência para o adolescente. O adolescente é encaminhado para os projetos, mas não percebe no profissional, real e efetivo interesse pelo seu destino. Ele se sente como ‘entregue a própria sorte’, como se o que lhe acontecesse não interessasse a ninguém”.

(Reconstruindo vínculos, promovendo o direito à convivência familiar e comunitária, p. 100).

Os adolescentes recebem uma bolsa mensal, cujo valor é variável de acordo com o ano do Grupo e a frequência do jovem nas atividades propostas. Com o valor disponibilizado, é esperado que eles se organizem com os gastos relativos ao transporte para as atividades (encontros individuais, grupo temático e saída cultural), e são incentivados a realizarem investimentos em projetos pessoais. Auxiliar o jovem a ter uma planilha de gastos mensal, fazer pesquisa de preços, priorizar suas compras e começar a guardar algum dinheiro são ações necessárias tendo em vista o desenvolvimento do uso consciente do dinheiro.

PARA PENSAR

USO CONSCIENTE DO DINHEIRO

Fabiano (18 anos) saiu do serviço de acolhimento com uma boa economia: 10.000,00 na poupança! Durante o acolhimento, a equipe do abrigo controlava a conta de Fabiano, exigindo que todo seu salário fosse para a poupança, pois sabia que o jovem iria necessitar desse dinheiro no futuro. Após sair do abrigo, Fabiano se desorganizou financeiramente, comprou tudo o que sempre quis, pagou coisas para os amigos e, em menos de 6 meses, sua poupança estava zerada e a conta negativa.

Como evitar uma situação como essa?

Aprender a controlar a entrada e saída de dinheiro, estabelecer metas e ter noção de prioridades e custos é possível se o jovem tem acesso ao seu dinheiro. Viver uma desorganização financeira como a de Fabiano, é algo comum, principalmente nos primeiros meses de contato com dinheiro. Aproveitar o momento de desorganização para orientar o jovem, ajudá-lo a se reorganizar e ensiná-lo a utilizar a planilha de controle de gastos, é um trabalho necessário para a equipe do abrigo e deve começar o quanto antes.

4.6.4. ENCONTROS INDIVIDUAIS

Durante a participação no Grupo nÔs, cada adolescente possui um adulto de referência que o acompanha através de encontros individuais quinzenais e contatos frequentes. As ações realizadas nos encontros individuais têm como norte as metas estipuladas periodicamente pelo jovem junto a esse adulto em direção ao desenvolvimento da autonomia, à construção e realização de seus projetos de vida.

O vínculo construído com esse adulto é o que possibilita e sustenta o trabalho. É importante que a relação seja pautada na franqueza, no respeito, compromisso, confiança e afeto. O adulto precisa ter uma disponibilidade objetiva e subjetiva para entender o momento que o jovem vive e suas principais questões. Dessa forma, é possível auxiliá-lo a avaliar, discriminar e problematizar as suas necessidades emergentes, como, por exemplo, arrumar um trabalho.

O conhecimento da história de vida do adolescente facilita o diálogo e a compreensão das suas manifestações, fortalecendo o adulto no exercício de sua função. Isso implica compartilhar informações com a equipe do serviço de acolhimento e com a rede de trânsito do adolescente.

Os encontros individuais começam no próprio serviço de acolhimento e se estendem para locais variados, dependendo do que é combinado com o serviço, com o jovem e daquilo que faz sentido para o desenvolvimento de seus projetos. Encontros que abram espaços para que o jovem se sinta escutado e reflita sobre suas escolhas possibilitam a abordagem de temas referentes à singularidade de cada projeto de vida. Projetos que não se referem apenas ao que o indivíduo quer no futuro, mas que englobam o compromisso com o presente e a relação com o passado.

É também importante considerar que a resolução das necessidades mais urgentes do adolescente é condição necessária para a elaboração de seus projetos. Por exemplo: apoio em questões escolares, regularização de documentação, de uma dívida no banco, de consulta médica ou o acesso a algum benefício. Essas são ações a serem realizadas junto com ele nos encontros individuais.

PARA PENSAR

PROJETO DE MORADIA

Ricardo faz 18 anos daqui a dois meses. Estava tudo certo para ele viver em uma República Jovem após sua saída. De repente, o adolescente diz que não vai para a República. Sua fala vem nos preocupando muito, pois pensamos no melhor encaminhamento possível para Ricardo. O que fazer?

A questão que se coloca é se Ricardo participou das discussões e reflexões sobre seu projeto de moradia pós-acolhimento.

Muitas vezes o que os adultos consideram a melhor opção é diferente do que o jovem considera. Se não houver diálogo a tendência ao fracasso do encaminhamento é muito grande. No caso de Ricardo, há muitas perguntas:

Será que foi uma escolha de Ricardo este projeto de moradia?

Ricardo teve acesso a outras possibilidades de moradia antes da definição de encaminhamento para a República? É importante considerar que a República é uma alternativa entre outras, como o aluguel de uma casa ou o retorno familiar, quando possível.

Ricardo foi visitar a República com antecedência? Conversou com os moradores de lá? Esclareceu dúvidas?

A preparação anterior à saída do serviço de acolhimento é uma condição para aumentar a probabilidade de o encaminhamento ser bem sucedido.

Outras ações, relacionadas aos objetivos, que podem ser desenvolvidas nos encontros individuais:

TEMA	PROPOSTA DE ATIVIDADES
Moradia	Mapeamento das possibilidades de moradia, visita à República Jovem, preparação de refeição, busca por informações sobre aluguel e visita a referências afetivas.
Uso consciente do dinheiro	Negociação de dívida no banco, realização da planilha financeira e pesquisa de preços no mercado.
Profissão	Entrevista com profissionais da área de interesse, realização de currículo, inscrição em cursos e em vagas de trabalho.
Propósito	Atividades de descoberta e valorização dos talentos pessoais, conversa com educadores e amigos para reconhecimento de perfil.
Apropriação da cidade e da cultura	Pesquisa de itinerários, mapeamento de dispositivos culturais da região de moradia e circulação de transporte público.
Educação	Organização da rotina de estudos e dos materiais, participação nas reuniões escolares, regularização da situação escolar.

Encontros que abarquem tais demandas abrem espaço para que o jovem caminhe em direção a seus interesses e aspirações e invista nessas ações. Muitas vezes, são nas próprias situações corriqueiras do acompanhamento individual que os jovens sentem-se à vontade para compartilhar temas importantes de suas vidas. A participação junto ao jovem em sua audiência judicial ou em consulta a seu processo no Fórum são situações, por exemplo, que podem ajudá-lo a se apropriar de sua história e se posicionar frente às decisões que são tomadas a seu respeito.

Muitas vezes, o próprio jovem planeja algo para o encontro. A função do adulto é incentivá-lo, ajudando a descobrir caminhos, caminhando junto, pensando alternativas. O cuidado é para não achar que pode e deve oferecer tudo que o jovem demanda, tendo clareza dos limites e objetivos da intervenção. É importante esclarecer ao jovem a respeito do papel e dos limites de cada um nessa relação de parceria.

Ao adulto de referência é necessário flexibilidade para compreender as frequentes mudanças nos projetos estabelecidos pelos jovens, sem que isso seja entendido como uma afronta pessoal ou desqualificação do trabalho realizado. A labilidade (instabilidade) é característica dessa fase cheia de novas descobertas sobre si e o mundo. A labilidade deriva do desafio de fazer escolhas e abrir mão de outros novos projetos e isso diz respeito a um importante movimento de busca por autonomia e posicionamento singular perante o mundo que está descobrindo.

Os encontros individuais são agendados pelos adultos com os adolescentes, em um exercício de autonomia, em horários e locais da cidade possíveis para a dupla. A composição dos encontros individuais com os encontros grupais favorece a observação do modo particular como cada um se relaciona com o grupo, parcerias formadas, preferências, afinidades, identificações e dificuldades, possibilitando assim novos e importantes conteúdos a serem trabalhados nos encontros individuais.

Para o desenvolvimento do vínculo de confiança e mapeamento das questões dos adolescentes, os primeiros encontros individuais são pautados em instrumentais que facilitam a expressão e organização do pensamento e ações dos jovens. Os principais instrumentais são a agenda do Grupo nós e as atividades do portal nós no Mundo, que podem ser acessadas em <http://www.fazendohistoria.org.br/publicacoes/> e <http://nosnomundo.org.br/>.

PARA PENSAR AUTONOMIA

Rita tem 17 anos e foi acolhida quando tinha 10. Para acordar cedo a tempo de ir à escola o educador tem que chamá-la muitas vezes até que levante. Para fazer as tarefas de casa, como arrumar seu quarto, também é preciso que alguém insista. Se o educador não a avisa do horário de sua terapia ela falta. A equipe anda muito preocupada com Rita, pois ela não tem autonomia suficiente para cumprir com seus compromissos cotidianos. O que fazer para estimulá-la em sua independência neste último ano de permanência no serviço de acolhimento?

É importante ressaltar que a estimulação para autonomia e independência deve ser feita desde a entrada da criança ou adolescente no serviço de acolhimento. No caso de Rita, 7 anos se passaram e podemos ressaltar alguns aspectos que chamam a atenção.

Por que Rita ainda é acordada pelo educador ao invés de ter seu próprio despertador ou meio de acordar sozinha? Por que o educador é quem lembra Rita de seus compromissos rotineiros como organizar o quarto e ir à terapia?

Sabemos que a rotina de um serviço de acolhimento é bastante complexa e exige agilidade, sendo que em muitos momentos os adultos se antecipam em afazeres diários no intuito de dar conta de tudo e de todos. No entanto, tal antecipação não possibilita que as crianças e adolescentes lidem com suas responsabilidades e dificulta a conquista da autonomia e independência.

Ajudar Rita a usar o despertador e se organizar com uma agenda são exemplos de ações simples que podem contribuir.

Se Rita não tiver clareza da importância de se responsabilizar por seus horários e atividades não sairá com autonomia suficiente do serviço de acolhimento. Apostar no jovem e em sua capacidade de dar conta de seus desafios é fundamental. Vale ressaltar que quanto mais tempo a criança ou o adolescente viverem institucionalizados em um padrão de dependência, maiores os desafios no momento de saída da instituição.

ENCONTROS INDIVIDUAIS - SÍNTESE

Justificativa	Construção de um vínculo de confiança com o adulto de referência que possibilita o desenvolvimento de ações e reflexões sobre os temas centrais do adolescente e do projeto: moradia, profissão, uso consciente do dinheiro e apropriação dos espaços públicos.
Periodicidade e Duração	Quinzenal, aproximadamente duas horas.
Pessoas envolvidas	Adulto de referência e adolescente. Eventualmente equipe do serviço de acolhimento, técnicos do CREAS, parceiros referentes a projetos profissionais e de moradia, referências afetivas e outras pessoas envolvidas no desenvolvimento dos projetos do jovem.
Local	Variado, de acordo com o planejamento do encontro.
Forma de avaliação e registro	Relatório de acompanhamento individual (anexo 6). Ficha de evolução (anexo 3 e 7). Registro do encontro.

4.6.5. GRUPOS TEMÁTICOS

Ao longo do projeto, o jovem tem o compromisso de participar de encontros temáticos em grupo, que acontecem uma vez por mês, com 3 horas de duração. Os grupos, além de serem momentos significativos para a construção de vínculos com outros jovens que vivem situações semelhantes, são oportunidades de aproximação e desenvolvimento do jovem nos temas propostos, relacionados aos eixos centrais do programa: projeto profissional, projeto de moradia, uso consciente do dinheiro e cidadania. Importante ressaltar que cada eixo conta com um universo de temas a serem trabalhados como história de vida, rede afetiva, estudos, propósito e identidade.

O grupo temático acontece através de atividades planejadas anteriormente pela equipe do Grupo nÓs. O objetivo principal é facilitar o caminho do jovem na direção do autoconhecimento, do desenvolvimento pessoal e da autonomia. O encontro é composto por atividades de aquecimento, produções em grupo ou subgrupos, compartilhar experiências, fechamento e distribuição das bolsas do mês.

Em geral, no início dos grupos é servido um lanche, como forma de recepcionar os jovens. O lanche é um momento privilegiado de integração e valorizado por eles. Muitas vezes este momento é utilizado também para realizar algumas intervenções como, por exemplo, trabalhar a cooperação entre os integrantes, assinar listas de presença e atualizar conversas. O lanche é o aquecimento do grupo para o trabalho.

Ao conduzir um grupo, é importante que o técnico se pautem pela franqueza (com delicadeza!) e coerência. Sua coordenação precisa favorecer a circulação da palavra entre todos, suscitando momentos de reflexão e permitindo a expressão singular de cada jovem nas discussões temáticas. Sua condução busca facilitar um processo de construção de autonomias: no pensamento, nas decisões e nas ações.

O respeito no grupo surge na medida em que os limites são colocados e os vínculos fortalecidos. É através do vínculo, que torna significativa a interação com o outro, que o processo de desenvolvimento pessoal do jovem se torna possível. Na relação, o jovem pode construir e reconstruir suas crenças, valores, opiniões, sentimentos e comportamentos.

PROPOSTAS DE TEMAS NOS ANOS 1, 2 E 3 DE PARTICIPAÇÃO DO ADOLESCENTE NO GRUPO:

TEMA	PROPOSTA DE ATIVIDADES
Profissão (ano 1 ou 2)	Mesa de profissões: trazer profissionais de algumas áreas para uma breve apresentação de suas histórias e percursos profissionais. Propiciar um debate através de perguntas dos jovens.
	Mesa de cursos: trazer representantes de cursos profissionalizantes para uma mesa informativa.
	Visita guiada a uma empresa para aproximar jovens da rotina de trabalho.
Profissão (ano 2)	Projeção de metas a curto, médio e longo prazo: construção lúdica do currículo atual, do currículo daqui a 2 anos e daqui a 10 anos. A partir dos currículos, elaborar metas profissionais de curto, médio e longo prazo.
	Comunicação: encenações de entrevistas e situações cotidianas do mundo do trabalho. Exercícios de comunicação e expressão.
Profissão (ano 3)	Ação Social: jovens criam, planejam e desenvolvem uma ação de melhoria na sociedade.
	Visita a uma universidade: entrevistas com alunos de diferentes cursos.
Uso consciente do dinheiro (ano 1)	Atividade “Mídia e Consumo”: desenvolvimento da crítica a respeito da sociedade do consumo. Para SER é preciso TER? Análise de filmes e comerciais.
	Jogos para estimular o uso consciente do dinheiro: parceria com a Fundação Itaú Social que desenvolve esta ação através de voluntários.

TEMA	PROPOSTA DE ATIVIDADES
Uso consciente do dinheiro (ano 1 ou 2)	Planejamento de gasto do dinheiro do grupo: desenvolvimento de uma atividade planejada pelo grupo através da disponibilização de uma verba.
Uso consciente do dinheiro (ano 2 ou 3)	Dívida e Rendimentos: palestra de um especialista, apresentação de situações cotidianas (imposto de renda, aposentadoria, empréstimo, cheque especial, abertura de um novo negócio).
	Planilha financeira: uso do instrumento e desenvolvimento de uma meta de poupança, de acordo com os projetos de vida de cada um.
Moradia (ano 1)	Sonho de moradia: dar espaço para as fantasias e desejos aparecerem. Construção da casa dos sonhos (massinha, argila, sucatas).
Moradia (ano 1 ou 2)	Depoimentos de jovens: chamar jovens para compartilharem suas experiências de moradia depois que saíram do serviço de acolhimento, abrir para perguntas.
Moradia (ano 2)	Mapeamento de possibilidades de moradia: atividade “word café” com mesas temáticas (república, albergue, morar com amigos, morar com família, aluguel, pensão). Informações/depoimentos nas mesas. Pensar em vantagens, desvantagens de cada tipo de moradia. Adolescentes circulam pelas mesas.
	República Jovem: Visita guiada.
	Habilidades práticas para preparar alimentos (um almoço): dividir em grupos. Cada grupo pensa na lista que precisa para fazer a refeição X e imaginar o custo disso. Mostramos a lista verdadeira, comparamos com a dos grupos, inclusive o custo. Cozinhar e lavar a louça em grupo. Cada subgrupo fica responsável por diferentes tarefas.
Moradia (ano 3)	Visita ao CREAS e CRAS, conversa com uma técnica do serviço.

Após cada encontro, os técnicos reúnem-se para pensar a ação, avaliar, compartilhar, registrar aprendizados (tanto do grupo quanto da equipe), e a partir da avaliação é feito o planejamento do próximo encontro. Os grupos acontecem de forma processual: cada encontro é planejado de modo a dar continuidade ao anterior, inclusive com as saídas culturais. Para garantir que esse processo aconteça sem perder o foco, a equipe do nÓs criou uma proposta de sequência dos encontros que serve como referência para o andamento do grupo, levando em conta a importância de considerar o espaço particular e o ritmo que se cria no processo de cada grupo. Às vezes torna-se necessário assumir possíveis rotas não previstas no planejamento inicial.



GRUPOS TEMÁTICOS - SÍNTESE

Justificativa	Estabelecimento e fortalecimento de vínculos entre os jovens, compartilhamento de vivências, experimentação de relações cooperativas, reconhecimento de potências e dificuldades individuais e coletivas, habilidades, talentos e propósitos, reflexão sobre temas relacionados a moradia, profissão e uso consciente do dinheiro.
Periodicidade e Duração	Uma vez por mês, sábados de manhã, 3 horas.
Pessoas envolvidas	Técnicos do Grupo nÓs, adolescentes e convidados eventuais.
Local	Espaço físico fechado (sala) que favoreça o trabalho em grupo: amplo, silencioso e confortável.
Forma de avaliação e registro	Ficha de Planejamento do encontro (anexo 8). Ficha de Avaliação do encontro (anexo 9). Relatório de acompanhamento individual (semestral). Ficha de evolução (trimestral) .
Recursos extras utilizados	Lanche, material gráfico, equipamentos audiovisuais, máquina fotográfica, controle de presença, bolsa do adolescente.

4.6.6. SAÍDAS CULTURAIS

Para promover a circulação e apropriação dos espaços públicos da cidade, ampliar o repertório cultural dos jovens e promover um olhar crítico sobre a cidade, o Grupo nÔs tem como uma de suas frentes de trabalho as saídas culturais.

Essas saídas variam entre visitas a museus, exposições e outros espaços culturais, exploração de parques e praças públicas, apresentações de teatro e cinema, convite a profissionais diversos que realizam oficinas com temas relacionados a música, ritmo, dança e cultura popular, atividades que envolvem a fotografia e o olhar singular do adolescente para a cidade.

A finalidade é possibilitar que os jovens entrem em contato com uma gama diversa de elementos culturais para que reflitam, se apropriem, descartem e construam posições singulares e críticas a respeito da sociedade em que vivem e na qual gostariam de viver no presente e no futuro. Entrar em contato com as diferentes formas de expressão ajuda a encontrar aquela que mais toca e encanta cada um deles, que melhor o representa e pela qual consegue também expressar os seus pensamentos, sentimentos e sensações.

Quanto mais próximos das expressões artísticas e dos movimentos culturais existentes na cidade, menos idealizada fica a arte e maior intimidade se conquista com suas manifestações, sejam elas grafite, pintura, percussão, dança, histórias incríveis de romances e poesias derivadas de experiências de vida de outros jovens, por exemplo. Ter uma relação íntima com a cidade faz com que, aos poucos, ela seja vista e vivida como acolhedora e, com isso, é mais fácil viver nela, confiar e dela sentir-se parte. Os espaços culturais, especialmente os de intensa circulação da juventude, podem tornar-se referências importantes de identidade e pertencimento.

As saídas culturais, apesar de serem atividades mais livres e flexíveis, têm algumas tarefas e dinâmicas que direcionam a visita e a apropriação do espaço público. Os jovens são incentivados a se colocar e a intervir no ambiente.

PARA PENSAR APROPRIAÇÃO DA CIDADE

Milena mora no abrigo desde bebê. Hoje, com 15 anos, diz que não gosta de sair de casa sozinha e que os únicos passeios legais são aqueles organizados pela equipe do abrigo e acompanhados por educadores, e que utilizam a perua da casa como meio de transporte. Sempre que é levada a uma atividade externa, Milena “gruda” em um educador e comenta sobre o medo de se perder e de usar o transporte público. Como trabalhar essa dificuldade?

É fundamental que a jovem sinta-se pertencente a outros espaços, além do serviço de acolhimento. Os adolescentes devem encontrar na comunidade local e na cidade as oportunidades de cultura e lazer, que contribuem para a formação da sua identidade, a ampliação de repertório e conhecimento de mundo. Para isso, o abrigo, desde cedo, deve incentivar a circulação urbana e ensinar a usar o transporte público. Fazer um trajeto junto com Milena e depois apostar que ela é capaz de repetir sozinha o percurso é uma forma de iniciar esse processo. Vale lembrar que, na maioria dos casos, o receio de conhecer o mundo pode estar na equipe de profissionais que ainda guarda resquícios da concepção do abrigo como instituição total. É relevante que isso seja identificado e trabalhado porque afeta negativamente o desenvolvimento de crianças e adolescentes.

OPÇÕES DE SAÍDAS CULTURAIS NA CIDADE DE SÃO PAULO NOS ANOS 1 E 2 DE PARTICIPAÇÃO DO ADOLESCENTE NO PROJETO:

TEMA	PROPOSTAS DE LOCAIS E ATIVIDADES
<p>Apropriação da cidade e da cultura (ano 1)</p>	<p>O olhar sobre a cidade: exploração da Avenida Paulista saindo do Largo Ana Rosa ou da estação Paraíso do metrô. Divisão em subgrupos, cada subgrupo receberá uma câmera fotográfica; seleção das fotos e divulgação via Facebook. Encerramento do encontro na estação Consolação/ Conjunto Nacional.</p>
	<p>Zona Norte: interação no Parque da Juventude. Exploração do parque através de mapas elaborados; descoberta da história do lugar; entrevistas aos frequentadores; piquenique.</p>
	<p>Zona Sul: entrevistas no Aeroporto de Congonhas. Conhecimento do aeroporto; entrevistas a pessoas que chegam e que partem; conversas sobre sonhos de viagens.</p>
	<p>Zona Leste: de Itaquera à Barra Funda. Visita e exploração do Estádio Itaquerão; percurso feito de metrô ou trem até a estação Barra Funda: fechamento do encontro com lanche comunitário no parque da Água Branca ou no Memorial da América Latina.</p>
	<p>Zona Oeste: exploração pelo Parque Villa-Lobos utilizando bicicletas. Saída da estação Faria Lima de metrô, percurso de ônibus até o parque Villa Lobos; aluguel de bicicletas e exploração pelo parque.</p>

TEMA	PROPOSTAS DE LOCAIS E ATIVIDADES
Apropriação da cidade e da cultura (ano 2)	Pico do Jaraguá ou Horto Florestal: exploração das trilhas através de caminhada; visão panorâmica da cidade.
	Artes visuais: visita a exposição relacionada a artes visuais que estiver em alta no momento. Sensibilização relacionada à história do(s) artista (s); interessante se a visita for guiada.
	Música: oficina pautada em ritmos e musicalidade com facilitador convidado.
	Filme “Linha de passe”; atividade de reflexão sobre o futuro dos personagens: o que irá acontecer com cada um deles?

Os jovens são convocados a opinar e trazer suas referências culturais para contribuir ativamente na decisão de qual será a próxima saída cultural. Nesse processo, as redes sociais como facebook e whatsapp são um importante canal de comunicação de alternativas culturais e realização de combinados para os encontros.

De acordo com o ano de participação no nÓs, as saídas ganham diferentes desafios: a chegada em grupo ou de forma independente, a utilização de mapas para chegar a pé, a participação nas compras do lanche que encerra a saída e a organização financeira que envolve toda a saída são alguns exemplos.

SAÍDAS CULTURAIS - SÍNTESE

Justificativa	Apropriação dos espaços públicos culturais, sociais e de lazer; circulação pela cidade.
Periodicidade e Duração	Uma vez por mês, durante 3 horas.
Pessoas envolvidas	Técnicos do Grupo nós, adolescentes e eventuais convidados.
Local	De acordo com a programação.
Forma de avaliação e registro	Ficha de Planejamento do encontro. Ficha de Avaliação do encontro. Relatório de acompanhamento individual (semestral). Ficha de evolução (trimestral).
Recursos extras utilizados	Lanche, ingressos, controle de presença.

4.7. ARTICULAÇÃO COM PARCEIROS

O TRABALHO COM OS SERVIÇOS DE ACOLHIMENTO

A parceria entre o Grupo nÓs e o serviço de acolhimento gera reflexões importantes para a equipe e traz ferramentas para o trabalho com os adolescentes, resultando na qualificação dos acolhimentos e desligamentos. A interlocução com os serviços de acolhimento parceiros possibilita a ampliação dos olhares a respeito de cada adolescente. A maneira como este se apresenta ao grupo é, muitas vezes, diferente da maneira como se apresenta na instituição. Possibilitar um entendimento ampliado do jovem ajuda os profissionais envolvidos a vislumbrarem novas intervenções, por vezes, mais afetivas e efetivas.

A cada dois meses o técnico do Grupo nÓs reúne-se com a equipe técnica dos serviços de acolhimento para compartilharem o trabalho e o desenvolvimento dos jovens. É importante enfatizar que o trabalho do Grupo nÓs não substitui o trabalho do serviço. A concepção da parceria é justamente a soma de forças e ampliação da qualidade do atendimento aos jovens.

Em alguns momentos, é possível que apareçam posicionamentos divergentes quanto ao que se planeja para o trabalho direto com os adolescentes. Nesse processo de consensuamento, as reflexões conjuntas, abertura e flexibilidade de todos os profissionais são fundamentais. Na busca por tal consenso, o técnico do Grupo nÓs entra em contato com as equipes dos serviços pelo menos quinzenalmente, através de telefonemas que visam aproximar e atualizar com rapidez as intervenções realizadas e acontecimentos importantes envolvendo o adolescente.

**Uma estratégia de reunião
é a reflexão sobre cenas
cotidianas (anexo 10)**

O TRABALHO COM VOLUNTÁRIOS, EMPRESAS APOIADORAS E ORGANIZAÇÕES SOCIAIS

A equipe do Grupo nÓs estabelece parcerias com voluntários, empresas e organizações sociais que possam contribuir e viabilizar aspectos dos projetos de vida dos jovens. Dessa forma, é criada uma rede de apoio que possibilite encaminhamentos consistentes.

O parceiro poderá contribuir com os projetos de vida dos adolescentes e com o Grupo nÓs através de oportunidades de emprego, de cursos, estágios, atendimento de demandas pontuais (por exemplo, oferecendo assessoria jurídica), espaço e recursos para os encontros do grupo, realização de atividades com os jovens (por exemplo, palestras sobre profissão) e, também, sendo uma referência afetiva para algum jovem.

No início de todas as parcerias é necessária uma apresentação detalhada do projeto e do público alvo, com alinhamento das expectativas e possibilidades de atuação conjunta. Com a definição da modalidade de parceria, determina-se também a formação e preparação necessária anterior a qualquer ação direta com os jovens e a forma de acompanhamento que será realizada. O parceiro precisa ter clareza do comprometimento necessário e das dificuldades que poderão ocorrer no percurso; e saber que a equipe do Grupo nÓs estará próxima para dar suporte e as orientações necessárias.

É importante ter em vista que estamos trabalhando com adolescentes a partir de 16 anos, em processo de formação, em fase de experimentação e muitas mudanças. Deste modo, é preciso cuidar das expectativas que esse trabalho gera: o desejo de que os jovens estejam com seus projetos definidos e organizados deixa de considerar que a dúvida e a instabilidade fazem parte do processo de amadurecimento.

A equipe do Grupo nÓs é preparada para dar suporte a estes momentos de incerteza e dificuldades junto aos jovens, que pode ocorrer com a perda de um emprego, dificuldade de frequentar um curso, despejo de seu local de moradia, entre outros. Esse suporte ao jovem é a base do trabalho: a partir dele o jovem consegue se fortalecer, (re)construir, (re)organizar e trilhar um caminho.

PARA PENSAR

PROJETO PROFISSIONAL

Aline tem 16 anos e conseguiu um bom emprego em uma empresa parceira do abrigo. Faz três meses que Aline começou a trabalhar e a jovem parece implicada, não falta nem atrasa. Mas seu chefe procurou a coordenadora do abrigo para reclamar de sua postura no último mês. Disse que Aline fica muito tempo no celular, que não cumpre com suas funções no prazo combinado e que há uma desconfiança geral de que esteja fazendo pequenos furtos de alimentos.

Como podemos ajudar Aline neste caso? O que podemos fazer para não comprometer a parceria e assim possibilitar que outros jovens também tenham essa oportunidade de trabalho?

Primeiramente é importante avaliar com a empresa se houve conversas com Aline, se Aline está ciente das reclamações ou não. Caso isso não tenha ocorrido, a chefia pode ser incentivada a realizar tal conversa com ela. E, independente da ação da chefia, cabe à equipe do abrigo conversar com Aline no intuito de entender o que está acontecendo.

É importante considerar que Aline tem 16 anos, uma adolescente em suas primeiras experiências de trabalho, e que a devolutiva do chefe é fundamental para que ela forme uma concepção realista do mundo do trabalho, cresça profissionalmente e se desenvolva em suas habilidades.

A queixa quanto aos furtos é algo que merece reflexão e cuidado por parte da equipe. Com que fundamento todos desconfiam de Aline? Vale ressaltar que é frequente que adolescentes e jovens com a origem social de Aline e acolhidos em instituições sejam alvos de desconfiança e preconceitos. O cuidado para realizar conclusões e a conversa com o adolescente exige franqueza e delicadeza.

4.8. CRONOGRAMA ANUAL DO TRABALHO DO GRUPO NÓS JUNTO AO ADOLESCENTE

ANO 1

MÊS	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
Apresentação do projeto aos adolescentes e serviços de acolhimento	x											
Seleção dos adolescentes para a etapa inicial: oficinas de propósito		x										
Avaliação 'marco zero' com os adolescentes		x										
Reuniões de discussão de caso com as equipes dos serviços (em média, 5 discussões por adolescente)		x1	x1	x1		x2		x3		x4		x5
Reunião entre as equipes dos serviços parceiros									x			
Parcerias com voluntários, empresas apoiadoras e organizações sociais	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x
Oficinas de propósito com os adolescentes (8 encontros)			x	x								

MÊS	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
Definição dos adultos que serão referências de cada adolescente				x								
Encontros individuais quinzenais					x	x	x	x	x	x	x	x
Saídas culturais mensais					x	x	x	x	x	x	x	x
Grupo temático: profissão					x	x						
Grupo temático: propósito							x					x
Grupo temático: uso consciente do dinheiro								x	x			
Grupo temático: moradia										x	x	

ANO 2 E 3

MÊS	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
Reunião de discussão de caso com as equipes dos serviços (6 discussões por adolescente)		x1		x2		x3		x4		x5		x6
Reunião entre as equipes dos serviços parceiros			x						x			
parcerias com voluntários, empresas apoiadoras e organizações sociais	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x

MÊS	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
Encontros individuais quinzenais	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x
Saídas culturais	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x
Grupo temático: profissão		x	x	x								
Grupo temático: propósito	x							x				
Grupo temático: uso consciente do dinheiro					x	x	x					
Grupo temático: moradia									x	x	x	
Viagem: Passar um dia fora da cidade.												x
Formatura ano 3												x

Observação: as saídas culturais e grupos temáticos podem ter uma frequência menor, a partir do ano 3, porque os jovens já estão bastante envolvidos com as exigências do dia a dia, fora da instituição. Mesmo não frequentando os grupos, os jovens do ano 3 solicitam e aproveitam bastante os encontros individuais.

4.9. AVALIAÇÃO DO PROJETO

A avaliação do projeto é realizada com base nas metas desenvolvidas para cada ano, no que se refere a cada objetivo específico. Abaixo segue a matriz de avaliação que serve de diretriz para todo o trabalho. Ela é continuamente revista como instrumento de avaliação que pode ser aperfeiçoado, na medida em que fornece dados relevantes para o replanejamento de atividades e alcance dos objetivos do projeto.

INDICADORES DE AVALIAÇÃO – ANO 1

OBJETIVO	INDICADOR	PISTAS
Apropriação da cidade e da cultura	Nível de circulação pela cidade	<ul style="list-style-type: none"> • Anda de transporte público sozinho (sem adultos ou colegas)? • Consulta mapas, sites, aplicativos para definir seu trajeto de transporte público? • Pergunta para pessoas desconhecidas, que encontra na rua, como faz para chegar em determinado lugar? • Pelo menos uma vez por mês, anda por lugares (bairros, regiões e ruas) que nunca tinha andado antes?
	Nº de adolescentes que utiliza o dinheiro da bolsa para o transporte referente às atividades do projeto	
Uso consciente do dinheiro	Grau de reconhecimento de qualidades e talentos	<ul style="list-style-type: none"> • Consegue nomear, pelo menos, 3 qualidades e talentos pessoais? • Reconhece as qualidades e talentos que os outros enxergam em você? • Aplica ou desenvolve suas qualidades e talentos em suas atividades cotidianas?
	Nº de adolescentes que fez um mapeamento das oportunidades profissionais relacionadas a seu perfil	
Desenvolvimento de projeto de moradia	Grau de organização para os compromissos diários	<ul style="list-style-type: none"> • Acorda com auxílio de despertador, sem que outra pessoa tenha que chamar? • Chega no horário em seus compromissos? • Cumpre suas responsabilidades na rotina da casa?
	Nº de adolescentes que fez um mapeamento das possibilidades de moradia	

INDICADORES DE AVALIAÇÃO – ANO 2

OBJETIVO	INDICADORES	PISTAS
Apropriação da cidade e da cultura	<p>Nº de adolescentes que faz uso dos espaços de lazer fornecidos pela sua cidade (parques, quadras, clubes) pelo menos uma vez por mês, além dos oferecidos pelo Grupo nós</p>	
	<p>Grau de apropriação da cultura</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Busca informação sobre eventos culturais que acontecem na cidade? • Já foi, pelo menos uma vez na vida, a todos estes eventos de cultura: cinema, teatro, museu de arte, show e biblioteca? • Participa de eventos culturais pelo menos uma vez por mês além dos oferecidos pelo Grupo nós?
Uso consciente do dinheiro	<p>Nº de adolescentes que faz anotações sobre o quanto de dinheiro ganha e o quanto gasta por mês</p>	
	<p>Grau de avaliação da condição financeira antes de gastar</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Ao fazer uma compra, prioriza o que realmente necessita? • Antes de comprar algo, pensa se necessita ou deseja de fato essa coisa e se tem condições financeiras de comprar? • Consegue juntar dinheiro para usar no futuro?
Desenvolvimento de projeto profissional	<p>Nº de adolescentes que está envolvido em alguma atividade profissional (curso profissionalizante ou trabalho)</p>	

OBJETIVO	INDICADORES	PISTAS
Desenvolvimento de projeto profissional	Nível de relacionamento do projeto profissional às habilidades e talentos	<ul style="list-style-type: none"> • Tem informações sobre cursos e trabalhos relacionados ao seu perfil? • Faz pesquisas de profissões relacionadas a seu perfil? • Manda currículos para vagas relacionadas a seu perfil? • Conversou com, pelo menos, 2 profissionais de áreas relacionadas a seu perfil?
Desenvolvimento de projeto de moradia	Grau de conhecimento das possibilidades de moradia	<ul style="list-style-type: none"> • Sabe informar como funciona um Albergue? • Sabe informar como funciona uma República Jovem? • Sabe informar as condições para o aluguel de um imóvel?
	Nº de adolescentes que decidiu, junto com a rede, para onde vai depois que sair do abrigo	
	Grau de desenvolvimento das habilidades necessárias para manter a casa	<ul style="list-style-type: none"> • Sabe lavar roupas? • Lavou alguma peça de roupa nos últimos 7 dias? • Sabe cozinhar? • Fez alguma comida nos últimos 30 dias? • Sabe limpar a casa? • Fez alguma limpeza na casa nos últimos 7 dias? • Sabe organizar um ambiente? • Organizou algum ambiente da casa nos últimos 7 dias?

INDICADORES DE AVALIAÇÃO – ANO 3

OBJETIVO	INDICADORES	PISTAS
Uso consciente do dinheiro	Nº de jovens endividados	
	Nº de jovens que guarda ou investe dinheiro	
	Nº de jovens que está trabalhando	
Desenvolvimento de projeto profissional	Grau de envolvimento com o trabalho	<ul style="list-style-type: none"> • Cumpre suas responsabilidades no trabalho? • Reconhece pelo menos 3 motivos de estar trabalhando neste emprego? • Seu trabalho atual tem a ver com seu projeto profissional?
	Nº de jovens que já permaneceu em um trabalho por, pelo menos, 3 meses	
	Nº de jovens que já permaneceu em um trabalho por mais de 6 meses.	
Desenvolvimento de projeto de moradia	Grau de referenciamento a um CRAS ou CREAS da região	<ul style="list-style-type: none"> • Sabe onde fica o CRAS ou CREAS da sua região? • Tem o CAD único? • Sabe dar informações sobre 3 benefícios disponíveis através destes serviços?
	Nº de jovens que já permaneceu em uma moradia por, pelo menos, 6 meses	

Observação: o objetivo “apropriação da cidade e cultura” no ano3 tem os mesmos indicadores de anos anteriores.

A avaliação é realizada a cada 3 meses, quando os jovens conversam com o adulto de referência para verificar sua evolução no período. O instrumento usado para isso é a ficha de evolução, um instrumento realizado com objetivo de acompanhar as dificuldades e conquistas dos jovens no que se refere ao alcance de suas metas anuais. (anexos 3 e 7)

Com base nas fichas de evolução e no acompanhamento de cada um, a cada 6 meses é realizado um relatório de ações realizadas, metas alcançadas e a desenvolver. Os relatórios semestrais são compartilhados com a equipe do serviço de acolhimento e o jovem, para que todos estejam acordados com a avaliação e com os encaminhamentos necessários (anexo 6).

Esse processo de avaliação contínua junto a cada um é uma estratégia eficaz para o reconhecimento por parte dos jovens de suas conquistas recentes e dos passos que precisam ser dados para o desenvolvimento de sua autonomia.

4.10 FECHAR OS CICLOS

Os técnicos do Grupo nÓs trabalham no sentido da construção da autonomia dos jovens, tendo em vista o término do grupo após 3 anos de projeto, de acordo com o contrato. As ações realizadas nesse período, orientadas pelos relatórios que são compartilhados com os jovens e equipes, levam em consideração o encerramento do projeto e questões mais urgentes para o adolescente na conquista da autonomia.

Viagens e experiências de aventura são oferecidas ao final do ano 2 e 3 para ampliar a visão de mundo dos jovens e também marcar passagens importantes de crescimento e autonomia.

O encerramento da participação no projeto não significa o encerramento das ações estabelecidas para cada adolescente. Por isso, a importância de envolver a rede afetiva do jovem durante os três anos de projeto, no compromisso com as ações e metas traçadas de modo que os jovens possam contar com uma rede pessoal na continuidade e viabilização do seu projeto.

O adolescente que termina os 3 anos de projeto tem em sua bagagem pessoal uma vivência significativa que deve ser valorizada e quando possível apresentada aos novos integrantes. Celebrar a formatura é uma das formas que o Grupo nÓs encontrou de reconhecer as conquistas e experiências adquiridas, por cada adolescente, nos 3 anos que permaneceu no projeto.

O Grupo nÓs se mantém como referência para eventuais orientações através de encontros individuais, telefonemas e contatos pela internet, após o término do projeto; e, oferece, eventualmente, encontros que favorecem a integração de jovens formados.

4.11 DEPOIMENTOS

O Grupo nÓs, pra mim, foi uma porta de entrada para o mundo real. Me fez enxergar as oportunidades e entender o que estava acontecendo na minha vida. Me ajudou em várias escolhas e caminhos. Além de fazer novos amigos, aprendi a conviver e aceitar as pessoas como elas são e também escutá-las. Conheci lugares, escutei histórias, presenciei superações e tudo isso me marcou.

O Grupo nÓs somos nós, eles, eu e você, somos todos aqueles que querem crescer.

Grasielle, formada no projeto em 2015

O Grupo nÓs está me ajudando a escolher minha moradia. Desenvolvendo conversas e trazendo informações, me faz pensar sobre o que é possível e quais serão as consequências da minha escolha.

Suany, em seu 1º ano no Grupo nÓs

Na minha opinião, o Grupo nÓs é uma família para todo mundo se conhecer.

Matheus, em seu 2º ano no Grupo nÓs

Não saia sozinho e nunca tinha tido um aniversário. Conquistei amizades, tenho mais confiança em mim e nas pessoas. Eu não tinha trabalho e agora tenho um. O grupo me ajudou, é minha família!

Richard, em seu 2º ano no Grupo nÓs

Antes do Grupo nós eu só saía para lugares junto com o abrigo. Agora, além de sair com outros meninos da minha idade, aprendi a usar o transporte e consigo pensar sozinho o caminho de um lugar pra outro!

Gabriel, em seu 1º ano no Grupo nós

O projeto é importante porque ajudou a me organizar, me fez acreditar em mim e ser protagonista da minha própria história de vida.

Amanda, em seu 3º ano no Grupo nós

O Grupo é um espelho onde consigo me enxergar, onde consigo arrumar o meu caminho, onde começou uma nova história. Ele não faz tudo, mas faz o suficiente. Muitos falavam que eu era um problema para sociedade, mas o Grupo nós faz de mim uma solução social.

Jordi, em seu 2º ano no Grupo nós

O nós me ajudou muito porque eu estava saindo do abrigo e não tinha nenhuma noção de como era a vida aqui fora e como ter o controle dela. Ajudou a arrumar o primeiro trabalho da minha vida.

Benny, em seu 2º ano no Grupo nós

É sempre bom ter uma pessoa do seu lado para te aconselhar nos momentos bons e ruins. Meu técnico de referência viveu várias coisas junto comigo, por isso amo tanto ele.

Dayane, formada no projeto em 2015

O nós foi tipo um diário que dá feedbacks. O que mais me marcou foram os encontros individuais, pois ali conversávamos sobre a vida, meus planos e também eu desabafava um pouco.

Rai, formado no projeto em 2016

O projeto mostra como é a vida "do outro lado", como é viver sem alguém para pagar as contas ou fazer comida e limpar a casa. Já conhecemos muitos lugares diferentes nos quais eu jamais imaginaria ir, lugares que nos trazem a beleza e a história de São Paulo, lugares divertidos e desafiadores. O Grupo está nos ajudando a planejar nossas vidas de acordo com a realidade que nos cerca. Abriu e continua abrindo portas para quem procura cursos, aulas, trabalho e tudo que possa ajudar no desenvolvimento do adolescente.

Tayná, em seu 2º ano no Grupo nós



TOM 16

YOKA

YOKA

KAR 6/16

VERTIGO

STING

LARI

ANDERSON

MEET JAMA

BMC

RED

YOKA

LARI

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DOLTO, Françoise. A causa dos adolescentes. Ed. Nova Fronteira, 1990

FRAGA, Paulo C. Pontes e IULIANELLI, Jorge A.S. (orgs.) Jovens em tempo real. Ed. DP&A, 2003

FREIRE FILHO, João. Reinvenções da resistência juvenil – os estudos culturais e as micropolíticas do cotidiano. Ed. Mauad X, 2007

GONÇALVES DE ASSIS, Simone e outros. Resiliência – enfatizando a proteção dos adolescentes. Ed. Artmed, 2006

GURSKI, Rose e outros. Debates sobre a adolescência contemporânea e o laço social. Ed. Juruá, 2012.

HOBSBAWM, Eric. Era dos Extremos: o breve século XX. Ed. Companhia das Letras, 1995

KEHL, Maria Rita. A fratria órfã. Ed. Olho d'água, 2008

NOVAES, Regina e VANNUCHI, Paulo. Juventude e Sociedade – trabalho, educação, cultura e participação. Ed. Fundação Perseu Abramo, 2007

OUTEIRAL, José. Adolescer. Ed. Revinter, 2008

WEINBERG, Cybelle (org). Geração Delivery – adolescer no mundo atual. Sá Ed., 2001



ANEXOS

ANEXO 1. ENCONTRO DE APRESENTAÇÃO DO PROGRAMA PARA ADOLESCENTES

ATIVIDADE GRUPAL DE APRESENTAÇÃO DO PROGRAMA

ATIVIDADE	DESCRIÇÃO	RECURSOS
Recepção e crachás criativos (30')	Convite para cada participante construir um crachá criativo com seu nome, a partir dos materiais gráficos disponibilizados. Adolescentes que participam do projeto recebem os novos integrantes, interagindo com eles e estimulando conversas.	Materiais gráficos diversos, cartolinas e barbante.
Apresentação do objetivo do encontro. (10')	Que eles possam conhecer o projeto para escolher se querem ou não participar.	
Mapeamento do grupo (30')	Enquanto a música toca todos circulam pela sala, andam entre os colegas. Quando a música para, o facilitador dá um comando, como por exemplo: "quem nasceu na cidade de São Paulo forma um grupo à direita e quem não nasceu na cidade de São Paulo forma um grupo à esquerda". Os grupos se olham e voltam a caminhar, a partir da música. Assim que a música para novamente, dá-se um novo comando: "agora formem 4 grupos: são paulinos, corintianos, palmeirenses e outros". Assim por diante, são apresentados diversos comandos para que os integrantes possam se conhecer.	Caixa de som, música, lista de comandos.

<p>Apresentação do projeto pelos técnicos (30')</p>	<p>Fala sobre os objetivos e as estratégias do Grupo nOs, através de uma apresentação de Power Point. Em seguida, apresentação do vídeo do projeto.</p>	<p>Vídeo, projetor, notebook, apresentação Power Point.</p>
<p>Apresentação do projeto pelos jovens participantes. (30')</p>	<p>Dois participantes (preferencialmente do terceiro ano) contam sobre o projeto, as atividades realizadas, as coisas que mais gostaram, as dificuldades que enfrentaram e respondem as perguntas dos adolescentes.</p>	
<p>Atividade do relógio (40')</p>	<p>Para incentivar a integração e a discussão de temas relevantes, cada adolescente recebe uma folha com um relógio desenhado. A cada hora ele deve agendar na folha um encontro com outro participante. Nesses encontros serão discutidos alguns temas relevantes para a faixa etária e realidade. Então, quando todos tiverem marcado os 12 encontros, o facilitador dá o comando "são 5 horas e o tema do encontro é balada". O adolescente precisa achar a pessoa com quem ele marcou o encontro para discutir o tema apresentado, em dois minutos cronometrados. Assim, em diferentes duplas, eles discutem 12 temas.</p>	<p>Folha com relógio, canetas e lista de comandos/temas (serviço de acolhimento, drogas, namoro, tribo, família, entre outros), cronômetro.</p>
<p>Próximos passos (10')</p>	<p>Apresentar os próximos passos para quem tem interesse pelo projeto. Mostrar modelo de carta de intenção e esclarecimento de dúvidas.</p>	<p>Projetor, modelo de carta.</p>
<p>Lanche e encerramento (30')</p>	<p>Momento de integração com lanche e música.</p>	<p>Lanches variados, música e caixa de som.</p>

ANEXO 2. MODELO CARTA DE INTENÇÃO DO ADOLESCENTE

CARTA DE INTENÇÃO EM PARTICIPAR NO GRUPO NÓS

Nome: _____

Data de Nascimento: ____/____/_____

Nome da Instituição em que você mora : _____

Conte-nos um pouco sobre você...

Você estuda? () Sim () Não

Se sim, em que ano você está matriculado?

Você trabalha? () Sim () Não

Se sim, qual o nome da empresa? _____

Em qual área? _____

Você costuma conhecer lugares novos? () Sim () Não

Que lugares você costuma frequentar?

Como é a sua rotina durante a semana? E aos sábados?

Quem são as pessoas mais importantes para você? Justifique.

Como você se vê daqui a três anos?

Por quais motivos você gostaria de fazer parte do Grupo nós?

Assinatura: _____

ANEXO 3. PRIMEIRA AVALIAÇÃO/FICHA DE EVOLUÇÃO ANO 1

GRUPO NÓS- ANO 1

FICHA DE EVOLUÇÃO INDIVIDUAL

Adolescente: _____

Data: ____/____/_____

Participou de ____ encontros individuais nos três últimos meses

TEMA	PERGUNTA	SIM	NÃO	OBS
Apropriação da cidade e cultura	Anda de transporte público sozinho (sem adultos ou colegas)?			
	Consulta mapas, sites, aplicativos para definir seu trajeto de transporte público?			
	Pergunta para pessoas desconhecidas, que encontra na rua, como faz para chegar em determinado lugar?			
	Pelo menos uma vez por mês, anda por lugares (bairros, regiões e ruas) que nunca tinha andado antes?			

TEMA	PERGUNTA	SIM	NÃO	OBS
Uso consciente do dinheiro	Utiliza o dinheiro da bolsa para o transporte referente às atividades do projeto?			
Desenvolvimento de projeto profissional	Consegue nomear, pelo menos, 3 qualidades e talentos pessoais?			
	Reconhece as qualidades e talentos que os outros enxergam em você?			
	Aplica ou desenvolve suas qualidades e talentos em suas atividades cotidianas?			
	Fez um mapeamento das oportunidades profissionais relacionadas a seu perfil?			
Desenvolvimento de projeto de moradia	Acorda com auxílio de despertador, sem que outra pessoa tenha que chamar?			
	Chega no horário em seus compromissos?			
	Cumpre suas responsabilidades na dinâmica da casa?			
	Fez um mapeamento das possibilidades de moradia?			

ANEXO 4. OFICINAS DE PROPÓSITO

ENCONTROS (duração: 3h)	TEMAS
1 e 2	Arte e Cultura Objetivos: promover a integração do grupo, promover o contato com diversas possibilidades artísticas e de expressão, conhecer os participantes. Atividades: Oficinas culturais e artísticas
3 e 4	Histórias de vida Objetivos: autoconhecimento, fortalecimento de identidade, elaboração da história, empatia entre os integrantes. Atividades: Compartilhar em subgrupos sobre o período da infância e pré-adolescência; construção de linha da vida; representação artística sobre fatos marcantes das histórias de vida dos participantes.
5 e 6	Habilidades e Talentos pessoais Objetivos: autoconhecimento; fortalecimento de identidade; construção de vínculo; reconhecimento de habilidades e talentos pessoais e dos demais integrantes. Atividades: Dinâmicas em grupo de cooperação, entrevistas com pessoas de referência, depoimento de profissionais de diferentes áreas.
7	Valores Objetivos: autoconhecimento; fortalecimento de identidade; reconhecimento de valores e motivações. Atividades: Reflexões individuais sobre valores; representação gráfica sobre principais características e crenças de cada participante; dinâmicas em grupo de empatia.
8	Afinal, qual é o meu propósito? Objetivos: entrar em contato com os propósitos de vida combinando talentos e valores e planejar a construção desse propósito. Atividades: Escolha de talentos e valores mais representativos; reflexões individuais sobre as diversas possibilidades de atuação a partir dessas reflexões; representação artística sobre o futuro desejado; dinâmicas em grupo sobre a construção do propósito do grupo.

ANEXO 5. TERMO DE PARCERIA

TERMO DE PARCERIA

ADOLESCENTE - SERVIÇO DE ACOLHIMENTO - EQUIPE DO GRUPO NÓS

O Instituto Fazendo História entende que o desligamento de um adolescente de um serviço de acolhimento por conta de sua maioridade é um momento delicado e um tanto desafiador para todos os envolvidos. Para que este e qualquer outro desligamento ocorra com sucesso é preciso muito trabalho da equipe técnica do abrigo na construção de um projeto de vida. Um bom desligamento é reflexo de um bom acolhimento, em última instância. O trabalho proposto pelos técnicos do Grupo nós parte desta concepção e pretende acompanhar o abrigo em suas reflexões acerca do tema, bem como o adolescente na hora da saída e depois dela.

Sendo responsabilidade da instituição o desenvolvimento e as constantes atualizações do Plano Individual de Atendimento (ECA artigo 101/ Orientações Técnicas aos Serviços de Acolhimento - CONANDA), o Grupo nós se propõe a acompanhar e apoiar a implementação de ações referentes aos PIA's de adolescentes que deverão sair dos abrigos por conta da maioridade, trabalhando em parceria com as equipes dos serviços de acolhimento e os adolescentes participantes. O trabalho dos profissionais do Grupo nós **não** substitui o trabalho técnico dos serviços de acolhimento, mas contribui com apoio emocional, material e profissional para que os adolescentes possam enfrentar de maneira mais positiva os desafios que surgem na saída do serviço de acolhimento.

O que cabe à equipe do serviço de acolhimento?

- Realizar reuniões a cada 45 dias com a equipe do Grupo nÓs.
- Participar de eventuais encontros junto às equipes dos outros serviços de acolhimento.
- Incentivar adolescentes a participarem do Grupo nÓs.
- Dar suporte necessário para que os adolescentes administrem o nÓs apóia*
- Desenvolver e acompanhar o projeto de vida e de desligamento dos adolescentes.
- Ter disponibilidade para construir junto ao Grupo nÓs novas ações e estratégias direcionadas aos adolescentes participantes.
- Comunicar aos profissionais do Grupo nÓs sobre mudanças observadas ou previstas para os adolescentes.

O que cabe ao adolescente?

- Participar dos encontros grupais, individuais e das saídas culturais.
- Ter responsabilidade com os compromissos assumidos junto aos profissionais do Grupo nÓs durante os 3 anos do projeto.
- Administrar de maneira consciente o nÓs apóia*, referente a participação nas atividades propostas.
- Investir na construção do seu projeto de vida e projeto de desligamento do serviço de acolhimento

O que cabe aos profissionais do Grupo nÓs?

- Realizar um encontro grupal por mês com os adolescentes.
- Realizar uma saída cultural por mês com os adolescentes.
- Realizar dois encontros individuais por mês junto a cada adolescente participante.
- Realizar uma reunião a cada 45 dias com a equipe do serviço de acolhimento.
- Organizar encontros semestrais entre as equipes dos serviços de acolhimento.
- Oferecer o nÓs apóia para cada adolescente participante.

() Esclarecimentos em relação ao apoio financeiro*

O **nós apóia** é uma bolsa mensal que pode sofrer alterações de acordo com os critérios de participação estabelecidos pela equipe do Grupo nós. O nós apóia é oferecido a partir do momento em que o adolescente inicia o acompanhamento individual com um técnico de referência (aproximadamente 5º mês do projeto) e inclui o valor do transporte relativo aos encontros. No primeiro ano a bolsa tem valor de R\$ 60,00, no segundo ano R\$ 100,00 e no terceiro ano a bolsa pode chegar a R\$ 200,00 por mês.

Este documento tem como objetivo firmar parceria entre a equipe do Grupo nós, os adolescentes participantes e a Instituição parceira.

DADOS DO GRUPO NÓS

Instituto Fazendo História

Coordenação geral: Isabel Penteado

Projeto: Grupo nós

Supervisão: Cristina Rocha Dias

Coordenação: Mahyra Costivelli

Equipe técnica: Isabela Lemos, Laís Boto, Manuela Fagundes, Marcelo Melissopoulos

Endereço: Rua Pedro Ortiz, 114 – Vila Madalena

Cep 05440-010 São Paulo SP

Telefone: (11) 3021-9889

DADOS DA INSTITUIÇÃO BENEFICIÁRIA

Nome:

Endereço:

Telefone:

CNPj:

Coordenador Geral:

Presidente da associação:

DADOS DO ADOLESCENTE

Nome:

Data de Nascimento:

RG:

CPF:

Escolaridade:

Telefone:

O ciclo total do trabalho tem duração de 36 meses.

De acordo,

Adolescente Participante

Coordenação da Instituição Parceira

Profissional do Grupo n^os

Data: ____ / ____ / ____

ANEXO 6. RELATÓRIOS DE ACOMPANHAMENTO INDIVIDUAL

RELATÓRIO – ANO1

Adolescente:

Completa 18 anos em: ____ / ____ / ____ Participa do Grupo n.ºs desde: ____ / ____ / ____

SITUAÇÃO ATUAL:

Moradia:

Estudo:

Profissão:

1. APRESENTAÇÃO (movimentos significativos no grupo, avanços, dificuldades pessoais):
2. Tendo em vista os objetivos específicos do Grupo n.ºs, escreva um parágrafo sobre a relação do adolescente com os itens que seguem abaixo:

2.1. APROPRIAÇÃO DA CIDADE

Qual é o nível de circulação pela cidade?

Encaminhamentos:

2.2. USO CONSCIENTE DO DINHEIRO

Utiliza o dinheiro da bolsa para o transporte referente às atividades do projeto?

Encaminhamentos:

2.3. PROJETO DE PROFISSÃO

Qual é o grau de reconhecimento de habilidades e talentos? Fez mapeamento das oportunidades profissionais relacionadas ao perfil?

Encaminhamentos:

2.4. PROJETO DE MORADIA

Qual é o grau de organização para compromissos diários? Fez mapeamento das possibilidades de moradia?

Encaminhamentos:

Técnico responsável:

Data: ____ / ____ / ____

RELATÓRIO – AN02

Adolescente:

Completa 18 anos em: ____ / ____ / ____ Participa do Grupo nós desde: ____ / ____ / ____

SITUAÇÃO ATUAL:

Moradia:

Estudo:

Profissão:

1. APRESENTAÇÃO (movimentos significativos no grupo, avanços, dificuldades pessoais):
2. Tendo em vista os objetivos específicos do Grupo nós, escreva um parágrafo sobre a relação do adolescente com os itens que seguem abaixo:

2.1. APROPRIAÇÃO DA CIDADE

Como se dá o uso dos espaços de lazer? Qual é o grau de apropriação da cultura?

Encaminhamentos:

2.2. USO CONSCIENTE DO DINHEIRO

Faz anotações sobre ganhos e gastos? Qual é o grau de avaliação da condição financeira antes de gastar?

Encaminhamentos:

2.3. PROJETO DE PROFISSÃO

Tem envolvimento com atividade profissional? Qual é o nível de relacionamento do projeto profissional às habilidades e talentos?

Encaminhamentos:

2.4. PROJETO DE MORADIA

Qual é o grau de conhecimento das possibilidades de moradia? Tem a definição de um projeto de moradia para quando sair do abrigo? Qual é o grau de desenvolvimento de habilidades necessárias para manter a casa?

Encaminhamentos:

Técnico responsável:

Data: ____ / ____ / ____

RELATÓRIO – AN03

Adolescente:

Completa 18 anos em: ____ / ____ / ____ Participa do Grupo nÓs desde: ____ / ____ / ____

SITUAÇÃO ATUAL:

Moradia:

Estudo:

Profissão:

1. APRESENTAÇÃO (movimentos significativos no grupo, avanços, dificuldades pessoais):
2. Tendo em vista os objetivos específicos do Grupo nÓs, escreva um parágrafo sobre a relação do adolescente com os itens que seguem abaixo:

2.1. USO CONSCIENTE DO DINHEIRO

Tem dívidas? Guarda ou investe dinheiro?

Encaminhamentos:

2.2. PROJETO DE PROFISSÃO

Trabalha? Qual é o grau de envolvimento com o trabalho? Qual é o tempo de permanência no trabalho?

Encaminhamentos:

2.3. PROJETO DE MORADIA

Qual é o grau de referenciamento ao CRAS ou CREAS? Qual é o tempo de permanência em uma residência?

Encaminhamentos:

Técnico responsável:

Data: ____ / ____ / ____

ANEXO 7. FICHAS DE EVOLUÇÃO ANO 2 E 3

GRUPO NÓS – ANO 2

FICHA DE EVOLUÇÃO INDIVIDUAL

Adolescente:

Data: ____ / ____ / ____

Participou de ____ encontros individuais nos três últimos meses

TEMA	PERGUNTA	SIM	NÃO	OBS
Apropriação da cidade e cultura	Faz uso dos espaços de lazer fornecidos pela sua cidade (parques, quadras, clubes) pelo menos uma vez por mês, além dos oferecidos pelo Grupo nós?			
	Busca informação sobre eventos culturais (cinema, teatro, museu, show e biblioteca) que acontecem na cidade?			
	Já foi, pelo menos uma vez na vida, a todos estes eventos de cultura: cinema, teatro, museu de arte, show e biblioteca?			
	Participa de eventos culturais pelo menos uma vez por mês além dos oferecidos pelo Grupo nós?			

TEMA	PERGUNTA	SIM	NÃO	OBS
Uso consciente do dinheiro	Faz anotações sobre o quanto de dinheiro ganha e o quanto gasta por mês?			
	Ao fazer uma compra, prioriza o que realmente necessita?			
	Antes de comprar algo, pensa se necessita ou deseja de fato essa coisa e se tem condições financeiras de comprar?			
	Consegue juntar dinheiro para usar no futuro?			
Desenvolvimento de projeto profissional	Está envolvido em alguma atividade profissional (curso profissionalizante ou trabalho)?			
	Tem informações sobre cursos e trabalhos relacionados ao seu perfil?			
	Faz pesquisas de profissões relacionadas a seu perfil?			
	Manda currículos para vagas relacionadas a seu perfil?			
	Conversou com, pelo menos, 2 profissionais de áreas relacionadas a seu perfil?			

TEMA	PERGUNTA	SIM	NÃO	OBS
Desenvolvimento de projeto de moradia	Sabe informar como funciona um Albergue?			
	Sabe informar como funciona uma República Jovem?			
	Sabe informar as condições para o aluguel de um imóvel?			
	Decidiu, junto com a rede, para onde vai depois que sair do abrigo?			
	Sabe lavar roupas?			
	Lavou alguma peça de roupa nos últimos 7 dias?			
	Sabe cozinhar?			
	Fez alguma comida nos últimos 30 dias?			
	Sabe limpar a casa?			
	Fez alguma limpeza na casa nos últimos 7 dias?			
	Sabe organizar um ambiente?			
Organizou algum ambiente da casa nos últimos 7 dias?				

GRUPO NÓS- ANO 3

FICHA DE EVOLUÇÃO INDIVIDUAL

Adolescente:

Data: ____ / ____ / ____

Participou de ____ encontros individuais nos três últimos meses

TEMA	PERGUNTA	SIM	NÃO	OBS
Uso consciente do dinheiro	Está endividado?			
	Guarda ou investe dinheiro?			
Desenvolvimento de projeto profissional	Está trabalhando?			
	Cumpe suas responsabilidades no trabalho?			
	Reconhece pelo menos 3 motivos de estar trabalhando neste emprego?			
	Seu trabalho atual tem a ver com seu projeto profissional?			
	Permaneceu em um trabalho por, pelo menos, 3 meses?			
	Permaneceu em um trabalho por mais de 6 meses?			
Desenvolvimento de projeto de moradia	Sabe onde fica o CRAS ou CREAS da sua região?			
	Tem o CADÚnico?			
	Sabe dar informações sobre 3 benefícios disponíveis através destes serviços?			
	Permaneceu em uma moradia por, pelo menos, 6 meses?			

ANEXO 8. PLANEJAMENTO DOS ENCONTROS DE GRUPO

TEMA: APROPRIAÇÃO DA CIDADE E DA CULTURA

ATIVIDADE	DESCRIÇÃO	RECURSOS
Lanche (30')	Lanche para recepcionar os adolescentes. Possibilidade de integração e interação entre eles e com os técnicos.	Lanches variados: salgados, sanduíches de metro, bolachas doce, sucos e café.
Aquecimento e roda de boas notícias (30')	Convidar todos a contarem uma boa notícia que aconteceu recentemente. Em roda, pegar um rolo de barbante e orientar para que, quem estiver com o objeto em mãos, segure um pedaço do fio, diga o que mais gosta e menos gosta em sua cidade e jogue para outro colega da roda. Este também deverá segurar e responder e assim por diante, até o rolo de barbante passar por todos. O último participante a receber o rolo de barbante deve, além de falar o que mais gosta e menos gosta na cidade, tentar lembrar o que o colega anterior falou e em seguida jogar o barbante de volta para ele. E assim por diante até que o rolo de barbante esteja recolhido. Atividade de cooperação e união do grupo, introduzindo o tema da oficina.	Rolo de barbante.
Construção Individual de Mapas (40')	Instruir os participantes para que desenhem, individualmente, a própria circulação sobre seu território de moradia, tendo como base as seguintes orientações: marque você e sua casa no mapa; pense num dia comum de seu cotidiano, feche os olhos e imagine um caminho habitual, da casa até a escola, por exemplo. O que você vê no caminho? Praças? Parques? Escolas? Hospitais? Delegacias? Espaços de convivência para jovens? CRAS, CREAS, Unidade Básica de Saúde? Centros culturais? Busque desenhar esses caminhos e colorir o seu mapa a partir do que observa: cores que mais gosta pra lugares nos quais você se diverte, cores que não gosta para lugares que você não gosta de passar, de estar, acha sujo e feio. É importante desenhar ao invés de escrever.	Sulfites, canetinhas, giz de cera e lápis de cor.

ATIVIDADE	DESCRIÇÃO	RECURSOS
<p>Construção Coletiva de Mapas (40')</p>	<p>Dividir em pequenos grupos por proximidade de região de moradia. Orientar para que, juntos, unam todos os elementos dos mapas singulares em uma cartolina grande. Orientar para que comecem marcando o que apareceu em comum em todos os mapas; em seguida, que desenhem, em relação ao ponto comum, os espaços que aparecem nos mapas individuais, buscando contribuir com elementos gráficos no mapa, a partir das produções individuais. Então, os jovens devem olhar para o seu mapa e buscar qualificar o que foi desenhado: que lugares/caminhos que gosta de passar? Que lugares/caminhos não gosta de passar? Quando fica doente, onde busca ajuda? Quando quer se divertir, vai pra onde? Busque construir símbolos que representem as potências e fragilidades dos espaços desenhados.</p>	<p>Cartolinas brancas, canetinha, giz de cera, lápis de cor.</p>
<p>Roda final (40')</p>	<p>Cada subgrupo elege um representante que apresentará seu mapa para todos. Em roda, todos devem refletir sobre: como foi a experiência de desenhar o seu percurso pelo bairro? O que surgiu? O que chama a atenção nos mapas? O que aparece em comum nos mapas? O que destoa? O que se sente a partir disso? O que você valoriza na sua cidade? O que você gostaria de mudar na sua cidade? Como isso seria possível? Os técnicos podem usar o flipchart para elencar o que surge da conversa, de modo a organizar e registrar os pontos importantes que emergem na reflexão. Perguntar para os adolescentes como foi essa atividade e como eles estão saindo após o grupo. Pedir críticas do processo vivido e sugestões para os próximos. Em seguida fazer um círculo com todos os adolescentes, pedindo para que se olhem no olho. Dar o comando para que, um de cada vez, olhe para o colega da direita e diga a frase “eu preciso de você”. Quando todos da roda tiverem feito isso, pedir para olhar para o colega da esquerda e dizer “pode contar comigo”. Agradecer pela cooperação e se despedir.</p>	<p>Flipchart, canetas.</p>

TEMA: USO CONSCIENTE DO DINHEIRO

ATIVIDADE	DESCRIÇÃO	RECURSOS
Lanche (30')	Lanche no início para a chegada dos adolescentes. Possibilidade de integração e interação entre eles e com os técnicos.	Lanche simples. Ex: maçã e suco.
Aquecimento e roda de boas notícias (40')	Convidar todos a contarem uma boa notícia que aconteceu recentemente. Em roda, pedir para que cada um escolha um objeto de valor que esteja consigo e conte porque aquele objeto é valioso para ele.	
Atividade de adivinhar valores (40')	Os técnicos devem ter em mãos uma lista com valores médios de itens comuns de consumo que se encontram em supermercados. Divididos em grupos, todos devem tentar adivinhar os valores.	Lista de preços médios de itens de consumo presentes em supermercados.
Atividade de organização do dinheiro para compra do lanche (40')	Cada adolescente recebe um tanto de dinheiro “falso” e deve comprar seu lanche de acordo com sua organização e de seu grupo (mesmo grupo da atividade anterior). O grupo deve discutir e organizar como usará seu dinheiro para que todos se alimentem. Deverão conversar entre si, discutir o que vale mais a pena comprar, que itens podem ser consumidos por mais de uma pessoa, quais outros são apenas para uma pessoa, etc.	Lanches disponíveis em uma espécie de “vending”, com plaquinhas que indiquem valores e promoções na compra de mais de um item, por exemplo. Neste momento o lanche deverá ser variado, diferente do lanche simples que foi oferecido no início da atividade.
Roda final (30')	Perguntar para os adolescentes como foi essa atividade e como eles estão saindo após o grupo, além de discutir o que foi mais simples e mais complexo nas atividades. Pedir críticas do processo vivido e sugestões para os próximos. Após isso fazer um círculo com todos os adolescentes, pedindo para que se olhem no olho. Dar o comando para que, um de cada vez, olhe para o colega da direita e diga a frase “eu preciso de você”. Quando todos da roda tiverem feito isso, pedir para olhar para o colega da esquerda e dizer “pode contar comigo”. Agradecer pela cooperação e se despedir.	

TEMA: MUNDO DO TRABALHO

ATIVIDADE	DESCRIÇÃO	RECURSOS
Lanche (30')	Lanche no início para a chegada dos adolescentes. Possibilidade de integração e interação entre eles e com os técnicos.	Suco, água, biscoito de polvilho, pão de queijo, requeijão, chocolate, frutas
Roda de boas notícias e aquecimento (30')	Convidar todos a contarem uma boa notícia que aconteceu recentemente. Logo depois, a “brincadeira das qualidades” em que cada um sorteia o nome de um integrante do grupo e apresenta uma qualidade dele. Todas as qualidades serão registradas em “papeizinhos” que irão para a caixa do sorteio. O grupo é organizado em subgrupos. Um representante de cada subgrupo sorteia 4 qualidades. Enquanto isso é projetada em uma tela grande uma lista de profissões diversas. Cada subgrupo pensará em 3 profissões que tem relação com cada uma das qualidades sorteadas. Ao final um representante do subgrupo apresenta as qualidades e profissões relacionadas.	Caixa pequena (para sorteio de nomes e qualidades), folhas de sulfite, caneta e projetor.
Cartão de visita (60')	Ainda em subgrupos, apresentar aos adolescentes alguns modelos de cartões de visita. Continuar a projeção da lista de profissões, distribuir materiais gráficos e uma cartolina para cada subgrupo, que deverá escolher uma profissão\ área para desenvolver um cartão de visita (registro em cartolina).	Projetor, cartões de visita, revistas, tesoura, cola, canetinha, lápis de cor, lápis grafite, borracha, caneta, régua, glitter, cartolinas e papéis coloridos.

ATIVIDADE	DESCRIÇÃO	RECURSOS
Apresentação dos cartões (30')	Cada subgrupo deverá apresentar seu cartão de visita e dizer qual a relação entre a representação gráfica do cartão e as qualidades do profissional.	
Avaliação e encerramento (30')	Perguntar para os adolescentes como se sentiram com a atividade e quais são as considerações. Após, fazer um círculo com todos os adolescentes, pedir para que se olhem no olho e respirem profundamente para relaxar. Dar o comando para que, um de cada vez, olhe para o colega da direita e diga a frase “eu preciso de você”. Quando todos da roda tiverem feito isso, pedir para olhar para o colega da esquerda dizer “pode contar comigo”. Agradecer pela cooperação e se despedir.	

TEMA: MORADIA

ATIVIDADE	DESCRIÇÃO	RECURSOS
Lanche (30')	Lanche no início para a chegada dos adolescentes. Possibilidade de integração e interação entre eles e com os técnicos.	Lanches variados: salgados, sanduíches de metro, bolachas doce, sucos e café.
Aquecimento e roda de boas notícias (40')	Convidar todos a contarem uma boa notícia que aconteceu recentemente. Em seguida, abrir um jornal com várias folhas juntas no meio da sala. Coloque uma música e peça para os adolescentes andarem pelo local. Explicar que quando a música parar, todos os jovens terão que estar em cima do jornal, não podendo faltar nenhum. Após cada pausa, retirar parte do jornal aberto, diminuindo seu tamanho. Atividade de cooperação e união do grupo.	Jornais, música e aparelho de som.
Rodada de conversa sobre moradia (50')	Trazer para o grupo pessoas que também moraram em serviços de acolhimento e que hoje estão morando em diferentes locais, por exemplo: república jovem, morando sozinho, morando com a família e morando com os amigos. Pedir para que cada jovem conte para os adolescentes como foi o processo de saída do abrigo e como está sendo morar em outro local. Rodada de perguntas ao final de cada fala.	Pessoas que já saíram de serviços de acolhimento e estão morando em diferentes locais. Atentar para ter a maior diversidade possível.
Rodada de conversa sobre prós e contras (30')	Após todos os convidados já terem falado de seu percurso, pedir para que os adolescentes contem o que eles viram de vantagens/desvantagens de cada tipo de moradia. Escrivê-las em uma lousa ou flip-chart.	Lousa e giz ou Flip-Chart e canetas.

ATIVIDADE	DESCRIÇÃO	RECURSOS
<p>Avaliação e dinâmicas de fechamento (30')</p>	<p>Perguntar para os adolescentes como foi essa atividade e como eles estão saindo após o grupo. Pedir críticas do processo vivido e sugestões para os próximos. Após isso fazer um círculo com todos os adolescentes, pedindo para que um de cada vez complete as frases: “Hoje eu aprendi que... Portanto eu...”</p> <p>Para encerrar, dar o comando para que, um de cada vez, olhe para o colega da direita e diga a frase “eu preciso de você”. Quando todos da roda tiverem feito isso, pedir para olhar para o colega da esquerda dizer “pode contar comigo”. Agradecer pela cooperação e se despedir.</p>	

ANEXO 9. MODELO DE FICHA DE AVALIAÇÃO DO ENCONTRO DE GRUPO

Data do Encontro:

Local:

Técnicos presentes:

Número de adolescentes presentes:

Proporção de adolescentes presentes (presentes/nº total de jovens):

Objetivo do encontro:

O objetivo foi atingido? Sim () Não () parcialmente ()

Clima geral do encontro:

Temáticas emergentes:

Pontos positivos:

Dificuldades:

Obs:

ANEXO 10. SITUAÇÕES PARA DISCURTIR COM AS EQUIPES DOS SERVIÇOS

- **Vitor, de 15 anos, tem faltado bastante na escola desde que foi acolhido, há quatro anos. Há alguns meses diz que desistiu dos estudos. Na escola todos sabem que mora em um serviço de acolhimento e Vitor sente que é tratado de forma preconceituosa por colegas e professores. Além disso, tem dificuldade em acompanhar os conteúdos das aulas, mesmo fazendo reforço escolar. Tudo indica que irá repetir pela segunda vez o ano letivo. O que podemos fazer para ajudá-lo?**

Dificuldades de aprendizagem, em alguns casos, estão associadas a questões emocionais. Pesquisas mostram que o acolhimento pode causar sentimentos de abandono e insegurança, além de intensificar a baixa auto estima e passividade. Os adultos devem observar Vitor para entender se seus conflitos emocionais impactam sua inclusão e rendimento escolar. É possível que ele precise de ajuda para se fortalecer emocionalmente. Além disso, profissionais do serviço de acolhimento e outros adultos de referência devem valorizar e se interessar por sua vida escolar, participar de eventos e reuniões escolares, auxiliar nas lições de casa e ajuda-lo a se organizar e ter uma rotina de estudos.

Por outro lado, a recusa de Vitor em ir à aula pode estar ligada com a falta de habilidade da escola em trabalhar as particularidades de cada estudante e as relações que os jovens estabelecem entre si. Sem este cuidado, o espaço escolar pode produzir estigmas, frustrações e exclusão. O serviço de acolhimento deve ajudar coordenadores e professores a entender melhor quem Vitor é e, conseqüentemente, aperfeiçoar o projeto de aprendizagem oferecido a ele. Realizar reuniões com a escola é fundamental para construir em conjunto intervenções que considerem as necessidades, potências e fragilidades de Vitor. Tão importante quanto conhecer sua vida escolar é contar para seus professores como funciona o serviço de acolhimento, qual o trabalho realizado com Vitor e o que pode ajudar ou atrapalhar seu desenvolvimento.

- **João tem 16 anos e está acolhido há dois. É um adolescente alto, forte, negro e bastante ativo. Gosta de jogar futebol, participa de um grupo de teatro, tem uma rede ampla de amigos e circula bastante pelo bairro, que conhece bem por ser perto de onde morava com a família. No último semestre, João viveu três situações em que foi abordado de forma violenta por policiais a poucas quadras do serviço de acolhimento. Na última delas foi pego fumando maconha junto com um amigo. Os dois levaram coronhadas, sofreram ameaças de morte e foram avisados que se forem pegos mais uma vez, serão encaminhados para a Fundação Casa.**

O caso de João revela graves aspectos sociais presentes em nossa sociedade: a violência policial, a discriminação contra pessoas que vivem em comunidades e regiões periféricas, a criminalização do uso de drogas, o preconceito social e racial vividos por uma parcela considerável da população (negros, pobres e, neste caso, acolhidos).

Desta forma, é importante que os profissionais responsáveis por João entendam e reconheçam a complexidade do ocorrido, trabalhando não só no sentido de estabelecer regras e limites, como também de garantir sua proteção. Instâncias como Conselho Tutelar, CREAS, Defensoria Pública, Vara da Infância

e PPCAAM (Programa de Proteção de Adolescentes Ameaçados de Morte) podem ser acionadas com o intuito de promover a proteção e denunciar as violações vividas por João e seu amigo. Abrir diálogos com a polícia também pode ser um caminho interessante, uma vez que esta não conhece a realidade do acolhimento institucional e muitas vezes não está preparada para lidar com adolescentes. Nos Conselhos Regionais de Segurança (CONSEG), cujos representantes são um comandante da polícia militar e um delegado titular, é possível dialogar e pensar encaminhamentos que garantam a proteção e segurança de cidadãos e comunidades.

Paralelamente, é importante estabelecer limites para João em relação ao uso de drogas. Um técnico ou educador com quem tenha vínculo pode refletir com ele sobre o uso da substância, os riscos e consequências envolvidos nessa escolha. João deve também ser convidado a pensar sobre os complexos aspectos sociais envolvidos nessa situação. Deixá-lo indignar-se com a violência sofrida e ao mesmo tempo ajudá-lo a perceber a sua parcela de responsabilidade são formas interessantes de torná-lo protagonista de suas escolhas e potencializar sua capacidade de reivindicar seus direitos.

■ Pedro tem 17 anos, é usuário de cocaína e maconha e desde que foi acolhido, há um ano, faz tratamento no CAPS – AD(Centro de Atenção Psicossocial Álcool e Drogas). Já morou na rua e trabalhou como “aviãozinho” do tráfico. Pedro é muito envolvido com o tratamento, não falta nas consultas, nos encontros em grupo e nas atividades esportivas do CAPS. Desde que começou o tratamento, diminuiu consideravelmente o uso de drogas, mas não parou completamente. Por conta disso, a equipe acredita que este trabalho não está sendo eficaz e pensa em encaminhá-lo para uma internação. O que você faria nessa situação?

Compreender o uso de drogas como uma questão de saúde e de inclusão social é ponto de partida para trabalhar casos como o de Pedro. A participação ativa da equipe do serviço de acolhimento no tratamento ajuda a compreender as necessidades do adolescente e a construir novas possibilidades de inclusão. Realizar uma discussão entre a equipe do abrigo e do CAPS contribui para melhor compreensão do projeto terapêutico construído junto ao adolescente, identificando seus limites e avanços, alinhando expectativas que evitem frustrações entre os profissionais.

Além disso, o serviço de acolhimento contribuirá ao inserir Pedro em dispositivos de esporte, cultura e lazer oferecidos pela cidade. Assim terá oportunidades para ampliar sua compreensão do mundo, fazer escolhas saudáveis para sua vida, entrar em contato com suas habilidades, e experimentar novos papéis sociais que ajudem a superar os rótulos pelos quais era conhecido: “aviãozinho”, “ex-morador de rua” e “usuário de drogas”.

A internação é adequada somente quando o jovem coloca em risco a si próprio ou a outras pessoas. Além disso, é uma medida de curta duração. No caso de Pedro, seria uma alternativa que não contribui para sua proteção ou desenvolvimento, já que desconsidera suas conquistas e potenciais.

- **Caio, de 15 anos, e Jonathan, 10 anos, brigaram dentro do serviço de acolhimento, se agredindo verbal e fisicamente. Durante a briga, Caio jogou uma cadeira em Jonathan, que ficou com arranhões e hematomas. As outras crianças e adolescentes ficaram muito impressionadas e queriam brigar com Caio. A educadora pensou em chamar a polícia. Quais os caminhos em uma situação dessas?**

Os conflitos que envolvem violência são bastante desafiadores, pois nenhum tipo de agressão deve ser permitida ou incentivada. Em casos como esses, permitir que outras crianças respondam também com agressões físicas e verbais é atuar no sentido oposto da resolução do conflito. Chamar a polícia e registrar um B.O. é uma decisão que merece reflexão: qual o sentido de um B.O.? Que marcas ele deixa nos adolescentes? De que forma favorece o desenvolvimento dos envolvidos? O que pensarão as outras crianças e jovens? Levar para a esfera policial situações de conflito pode não só cristalizar traços agressivos de alguns adolescentes, como também sinalizar para o restante dos meninos e meninas que os profissionais do serviço de acolhimento não conseguem resolver internamente os conflitos, gerando um clima de insegurança na casa. Algumas situações podem e devem ser mediadas sem o envolvimento de instâncias e órgãos da justiça criminal. Fazer uma roda de conversa, na presença dos que foram afetados direta e indiretamente pelo conflito, permite que todos reflitam a respeito do ocorrido, possibilita o reconhecimento do sofrimento causado e restabelecimento das regras e limites da casa. Somado a isso, conversas individuais com Caio e Jonathan podem ajudá-los a perceber o que os levou a brigarem, o que estavam sentindo, além de permitir que pensem em outras maneiras de expressarem seus afetos. Dessa forma, terão mais chances de se responsabilizar de maneira consciente pelo o que fizeram e buscarão uma efetiva reparação do dano causado. As crianças e adolescentes se beneficiam significativamente de experiências de transparência afetiva e diálogo na resolução de conflitos.

- **André (16 anos) adora ouvir funk e se vestir como seus ídolos MCs. Gosta de usar correntes, raspar a sobrancelha, fazer desenhos no corte de cabelo, usar brincos e piercings. Seu estilo preferido de funk fala sobre o mundo do crime. Seus dois irmãos mais velhos já foram acolhidos, quando saíram se envolveram com o tráfico e hoje estão presos. André tem grande afeto e admiração por eles. A equipe do serviço de acolhimento teme que ele siga o mesmo caminho. Será mesmo?**

O estilo pessoal, as roupas, o cabelo e as experimentações estéticas no corpo são formas muito comuns e necessárias de expressão durante a adolescência, sendo este um momento de construção e afirmação de uma identidade. Impedir determinadas formas de expressão pode ser uma maneira violenta de impor valores e desqualificar a identidade em construção dos adolescentes. Um adolescente busca símbolos e referências de sua cultura para construir sua identidade. Tais símbolos muitas vezes vem de sua comunidade de origem, de seu grupo de amigos e também de sua família. No caso de André, valorizar o que diz respeito ao universo dos irmãos não significa que ele seguirá o mesmo caminho. É importante reconhecer que esse universo faz parte de sua história e que quanto mais espaço ele encontrar para conversar e ter consciência sobre quem é e sobre o que valoriza, mais chances terá de fazer boas escolhas. Esse diálogo ajudará também André a pensar sobre as consequências das escolhas de seus irmãos e a construir seus próprios projetos de vida.

- **Jorge tem 17 anos e está se preparando para sair do serviço de acolhimento aos 18. Apesar de sua idade tem medo de sair na rua e ir sem companhia para a terapia. Diz não saber andar de transporte público. Durante o período de acolhimento, fez a maior parte das atividades extracurriculares (reforço escolar, esportes, inglês) dentro da casa, através da atuação de voluntários. Como ajudá-lo a circular com confiança pela cidade uma que vez que aos 18 anos terá que fazer isso sozinho?**

A saída do serviço de acolhimento é um desafio para muitos jovens, especialmente para aqueles que estão acolhidos há mais tempo. Enquanto estão no abrigo, é importante que os adolescentes sejam incentivados a conhecer a rede de transporte público e transitar por ela inicialmente com o acompanhamento de um educador ou técnico e, aos poucos, sozinhos. Junto ao adolescente, individualmente ou em grupo, pode-se produzir um mapa com locais importantes da cidade em que reside e as formas de chegar a eles. Espaços de saúde, educação, lazer e cultura podem ser registrados, coloridos e sinalizados, possibilitando um diálogo sobre a cidade e os locais que circula mais e menos. Muitos adolescentes tem apenas o abrigo como espaço de referência. Conhecer outros lugares e sentir-se pertencente a eles contribui muito para a autonomia na vida adulta.

- **Mariza, de 15 anos, foi acolhida com 12 anos e, desde sua chegada, os profissionais da rede apostaram na possibilidade da mãe voltar a cuidar dela, desenvolvendo todas as ações possíveis para fortalecê-la. No entanto, passados 3 anos, e mesmo com o forte vínculo entre elas, a mãe não conseguiu se organizar para superar as condições que motivaram o acolhimento. Vai esporadicamente visitá-la e, quando aparece, está alcoolizada e com a aparência descuidada. A equipe do serviço, entendendo que ela realmente não conseguirá cuidar de Mariza, decidiu sugerir a destituição do poder familiar e proibir as visitas. Esse é mesmo o melhor caminho?**

A destituição do poder familiar deve ser aplicada em último caso, quando comprovada a absoluta impossibilidade de manutenção e reintegração familiar. Essa medida deve trazer benefícios concretos às crianças e adolescentes e viabilizar sua inserção em família substituta.

No caso de Mariza, a destituição poderia ser considerada se houvesse alguma perspectiva de adoção. Infelizmente, dados mostram que no Brasil dificilmente haverá adoção de uma adolescente de 15 anos. Apesar da fragilidade da mãe, existe um vínculo importante entre elas e a destituição nesse caso não abriria possibilidades para Mariza, apenas a marcaria como um “adolescente sem família”.

Além disso, é importante envolver a adolescente nesta decisão. Ela deseja a medida? Entende a situação da mãe? Um encaminhamento interessante para o caso seria o apadrinhamento afetivo, através do qual Mariza construiria um vínculo estável e duradouro com um adulto da comunidade previamente formado e selecionado para esta função. O padrinho ou madrinha oferece suporte emocional e contribui com o desenvolvimento do afilhado, sem que este precise deixar de conviver com sua família de origem.

- **Júlio, de 16 anos, está acolhido há 6 anos e já faz um tempo que pede à Bete, cozinheira da casa, para lhe ensinar a cozinhar. Há um forte vínculo entre eles e Bete adoraria ensiná-lo, mas as regras do serviço de acolhimento estabelecem que as crianças e adolescentes não podem auxiliar na cozinha por razões de segurança e higiene. O que fazer nesse caso?**

A vigilância sanitária estabelece regras como o uso da touca e a restrição de circulação de pessoas na cozinha. Em uma casa com tantos adultos, crianças e adolescentes é realmente importante cuidar da segurança e higiene. No entanto, estes cuidados não devem atrapalhar o desenvolvimento da autonomia dos meninos e meninas. Júlio precisa se preparar para sair do serviço e um passo importante é aprender a se virar na cozinha. Além disso, está em uma fase de construção de um projeto profissional e o interesse por essa área pode ser um ponto de partida. É preciso conversar em equipe e definir estratégias de trabalho que permitam isso com todo cuidado necessário.

O vínculo de Júlio com Bete também deve ser valorizado. Realizar atividades na cozinha juntos pode ser uma ótima oportunidade para terem conversas significativas e para Júlio aprender cuidados necessários à higiene e segurança.

- **Luzia tem 17 anos, trabalha, estuda e está se preparando para morar sozinha e ter uma vida autônoma. Como a maioria dos adolescentes, tem muitos amigos, adora conversar com eles pelo whatsapp e se expressar nas redes sociais. No entanto, a equipe do serviço considera que a adolescente, às vezes, se expõe demais publicando no facebook fotos com roupas curtas e gestos provocativos. A equipe tem receio de que ela possa se comunicar com pessoas mal intencionadas. Para evitar riscos, decidiu-se então proibir a utilização do celular. Será que este é o melhor jeito de trabalhar com essa questão?**

Luzia tem 17 anos e logo sairá do serviço de acolhimento, sendo fundamental nesse momento fortalecer sua rede de apoio social. Os amigos fazem parte dessa rede e a proibição do celular dificulta o contato com eles e a comunicação com pessoas do trabalho e do serviço de acolhimento. Além disso, o uso do celular faz parte da nossa realidade; proibir o seu uso não ajuda Luzia a lidar com os recursos tecnológicos e as novas formas de relacionamento decorrentes desses. Conversas sobre os cuidados necessários no ambiente virtual e sobre como deseja se apresentar ao mundo podem ajudar Luzia a se preparar para viver sozinha, sem a supervisão de adultos, para tomar decisões e assumir responsabilidade por suas escolhas.

Esse é um tema bastante comum entre os adolescentes e os adultos precisam pensar em atividades grupais e individuais que abordem a temática, possibilitando expressão e aprendizado para todos.

- **Os adolescentes são muito desinteressados! Ficam o dia inteiro no sofá, reclamando que não tem nada para fazer e atrapalhando as atividades das crianças. E quando os convidamos para participar destas atividades, eles não querem!**

É comum os adolescentes demonstrarem certo tédio e insatisfação, faz parte desta etapa do desenvolvimento, mas precisamos sempre analisar quais oportunidades estamos oferecendo a eles. Será que consideramos as particularidades dos adolescentes ao planejar a rotina da casa? Será que enxergamos as suas necessidades e oferecemos atividades que falam a língua deles? É fundamental organizar atividades específicas para crianças e adolescentes, pois eles têm interesses bastante diversos. Algumas possibilidades para os adolescentes são: participação em eventos culturais, discussão sobre temas que lhes interessam, atividades que promovam a autonomia e o desenvolvimento de seus talentos e habilidades, circulação por espaços de lazer e diversão adequados para a idade. Os profissionais dos serviços de acolhimento precisam ler e pesquisar sobre atividades com adolescentes para oferecê-las aos meninos e meninas que estão acolhidos.

- **Gabriela, de 17 anos, tem chegado tarde após suas aulas e aparentemente sob o efeito de alguma droga. Quando a educadora olha o bolso de seu shorts antes de colocá-lo para lavar, encontra uma ponta de um cigarro de maconha. Ao saber disso, comunica a equipe técnica do serviço de acolhimento. Quais caminhos seguir a partir dessa situação?**

Durante o período da adolescência os jovens buscam afirmação da sua identidade. Para identificar gostos, preferências e testar seus limites, é comum que façam algumas experimentações, como conhecer lugares novos, namorar, ter vários grupos de amigos e, inclusive, experimentar certas drogas. É função dos adultos que cuidam deste jovem orientá-lo e conversar abertamente sobre as suas experiências, evitando posicionamentos morais ou religiosos que impeçam uma conversa aberta e honesta. Um diálogo sobre drogas deve abordar os riscos e consequências do seu uso, além de possibilitar ao adolescente falar e refletir sobre o que o leva a utilizar determinada substância. É preciso ouvi-lo e se aproximar dele para entender o que está se passando em seu mundo. Só assim é possível estabelecer junto com ele regras e combinados, aumentando as chances de que sejam respeitadas. Por ser um assunto comum entre os jovens, o tema pode e deve ser levantado e debatido em grupo.

- **Um pouco antes de sair do serviço de acolhimento, Denílson decidiu morar junto com Willian, um amigo que herdou uma casa da família. Combinaram dividir todas as despesas. Após algum tempo morando juntos, Denílson começou a se incomodar com os animais que William levava para casa. Por este motivo, começaram a se desentender. Atualmente, a única alternativa de moradia para Denílson é um albergue, o que ele não deseja. O que pode ser feito?**

No processo de tornar-se adulto dentro de um serviço de acolhimento, é importante que o adolescente participe de toda a construção de seu projeto de vida. A moradia é um tema fundamental para esses jovens e sua discussão deve começar bem antes de completarem 18 anos. Cada possibilidade de moradia deve ser

avaliada com calma, levando-se em consideração todos os prós e contras. Mesmo depois de sair do serviço de acolhimento, o jovem pode encontrar dificuldades de adaptação e convivência, sendo importante contar com apoio de adulto com quem tenha vínculo para conversar, refletir sobre os desafios e planejar ações para solucionar a situação desconfortável.

- **Gabriel, 15 anos, sempre teve talento para dançar e todos à sua volta reconhecem essa habilidade. A equipe do serviço de acolhimento batalhou por uma bolsa em uma escola de dança. Inicialmente, Gabriel gostou das aulas, mas pouco tempo depois disse que não queria mais frequentá-las. O que fazer nesse caso?**

É necessário envolver o adolescente em todas as decisões que dizem respeito à sua vida. No caso do Gabriel, é preciso avaliar se a decisão de inseri-lo em um curso de dança partiu da iniciativa dos adultos ou se resultou do seu desejo genuíno por tal atividade. Mesmo quando os adolescentes participam da escolha é comum que fiquem na dúvida se gostaram ou não. No caso de Gabriel é interessante avaliar com ele o que de fato ocorreu para que não quisesse mais participar, compartilhando nossas impressões acerca de suas habilidades com a dança. Se de fato ele desejar parar, vale buscar com ele outras atividades através das quais possa desenvolver suas habilidades, comprometendo-o e responsabilizando-se pelas suas escolhas.

- **Manoel tem 16 anos, está acolhido há um ano e muito bem adaptado à vida no abrigo. Está envolvido em um curso profissionalizante, na escola e em atividade esportiva próximo ao serviço de acolhimento. Ele afirma sentir-se muito bem no bairro e diz que quer ficar acolhido até seus 18 anos. Sua mãe vive em um bairro muito distante e precário, mas possui vínculo importante com o filho. O motivo do acolhimento não existe mais. O jovem diz que não quer voltar a viver tão longe de tudo e de todos. Como encaminhar este caso?**

A reinserção familiar de jovens que viveram acolhidos distantes de suas regiões de origem é um desafio. O caso de Manoel é emblemático destas situações. Primeiro é importante ressaltar que a precariedade financeira ou o fato de sua mãe viver muito distante não justificam o acolhimento do jovem. Portanto, a volta à família deve sim acontecer. Mas, questões importantes podem ajudar a cuidar desta volta para a casa: os técnicos do serviço de acolhimento fizeram visitas domiciliares e conversas com sua mãe para aprofundar o conhecimento da dinâmica familiar? Entraram em contato com a rede do bairro? Conversas com a escola onde Manoel estudava, com os técnicos do CREAS que acompanha a família, com as instituições de cultura, lazer e de profissionalização que existem na região são fundamentais para que Manoel volte para a família de forma mais amparada e articulada. Devido à precariedade descrita, ele provavelmente tem direito a benefícios relativos à assistência social, além de vaga na escola e em curso profissionalizante. Neste caso a rede é fundamental para garantir a proteção devida ao jovem em questão.

- **Eduardo, de 14 anos, foi transferido da casa às pressas, pois foi flagrado por uma educadora forçando uma relação sexual com Caio, de 8 anos. A situação mobilizou toda a casa, especialmente porque Eduardo é um garoto muito querido por todos. O que você faria se estivesse no lugar da equipe técnica?**

Situações de abuso são graves e muito trabalho precisa ser feito em equipe para evitar que aconteçam. Mais do que colocar regras e proibições, o trabalho que gera maiores resultados é o que permite às crianças e adolescentes se expressar e ter uma boa relação com o seu corpo. Aulas de dança, lutas e expressão corporal podem ser estratégias para que as crianças e adolescentes encontrem caminhos saudáveis para lidar com seus corpos, suas sexualidades e impulsos. Ter espaços de privacidade na casa, conversar sobre o que dá prazer, o que podemos fazer, em qual lugar e o que não podemos com o corpo do outro é fundamental e necessário com crianças e adolescentes.

Quando um abuso já ocorreu é comum que se exclua e puna o adolescente que o cometeu e se cuide da criança ou adolescente que sofreu o abuso. É importante ter claro que, nessas situações, todos os envolvidos precisam de cuidados e ajuda para lidar com as feridas que ficam, tanto quem excedeu o limite quanto quem foi excedido e aqueles que presenciaram a situação. É importante que a equipe pense no que está por trás do acontecimento: as histórias de cada um dos envolvidos, as histórias que vivem no cotidiano do serviço, que fatores na rotina da casa permitiram (ou poderiam ter evitado) que isso acontecesse. Se a transferência for inevitável, que seja feita da forma mais cuidadosa possível, com todos os envolvidos.

- **Camila e Eduardo, dois adolescentes da casa, contaram que começaram a namorar. E agora? Podemos permitir que isso aconteça? O que fazer?**

Para além de pensar sobre permitir ou não um namoro entre adolescentes, já que, na maioria das vezes, isso é algo que não conseguimos controlar, vale pensar em como lidamos com este fato. Muito provavelmente Camila e Eduardo vão namorar, independente das regras que serão impostas. É possível pensar, então, o que pode e o que não se pode fazer dentro do serviço e suas consequências: podem ficar de mãos dadas? Podem se beijar dentro da casa? Como as outras crianças e adolescentes veem a situação? Quais assuntos e perguntas este fato mobiliza? Todas essas questões ajudam para que os educadores e equipe pensem em estratégias para trabalhar limites e orientar o grupo.

- **Os adolescentes da casa estão me fazendo perguntas sobre sexo e preservativos e fico constrangida de falar neste assunto. Será que se falarmos disso não vamos estimulá-los a ter experiências sexuais?**

A adolescência é uma fase de intensas transformações, no corpo e nos relacionamentos. É na adolescência que se inicia o desejo e a possibilidade concreta de ter relações sexuais. Este processo acontece para todos, independente do que possamos falar ou fazer. No entanto, quanto mais orientarmos e ensinarmos os adolescentes com relação a este assunto, mais estaremos ajudando-os a lidar com a sexualidade de uma forma saudável, ou seja, a conhecer seu corpo, suas vontades, seus limites e a se proteger. Muitas vezes, as

equipes dos abrigos não têm propriedade e conhecimento sobre o tema e não se sentem confortáveis para abordar o assunto, sendo interessante promover uma capacitação para os profissionais com consultores ou técnicos externos. Trata-se de um tema que pode ser mais fácil de ser abordado com pessoas mais distantes, facilitando o surgimento de questões e a construção de estratégias que abordem o tema junto as crianças e adolescentes.

■ **Daniela tem 14 anos e é portadora de deficiência intelectual. É bastante infantilizada e tem mostrado uma sexualidade exagerada. Não para de abraçar e beijar a todos e temos dificuldades em colocar limites. Como é possível trabalhar essas questões de Daniela?**

Neste caso precisamos compreender o desejo de Daniela como algo legítimo e ajudá-la a encontrar expressões aceitáveis para o mesmo. Reprimir não ajudará e deixar que ela se expresse de forma equivocada, invadindo o espaço dos outros, também não é um bom caminho. Explicar o porquê dos limites, como o outro se sente, trabalhar o respeito ao corpo e desejo do outro, e seu próprio corpo e desejo é bastante importante. Também é importante considerar que existem outras formas saudáveis de Daniela direcionar sua energia sexual no mundo: esportes, artes, dança, etc. Os limites devem ser colocados, mas é preciso apresentar propostas para além do “você não pode fazer isso”. O que ela pode sim, fazer? Buscar estas alternativas é fundamental.

■ **Rodrigo (14 anos) faz o que quer na casa, pois os educadores têm medo do que ele pode fazer se for contrariado. Ele já chegou a quebrar vidros e outros objetos, além de ameaçar bater em uma educadora. Ninguém consegue lidar com ele. O que fazer nessa situação?**

Nem sempre os educadores se sentem seguros para lidar com casos mais desafiadores dentro do acolhimento. Reuniões de discussão de caso com a equipe, onde cada educador pode falar de seus limites e possibilidades é algo fundamental. Assim, pode-se definir educadores de referência para cada adolescente, analisando-se o que é possível e significativo em cada caso. Com quem este garoto mais se abre? Quem se sente tranquilo na hora de uma crise para intervir com mais firmeza? Atitudes acordadas institucionalmente para lidar com as crises, ainda que sejam executadas por um ou outro educador, trazem maior segurança para os acolhidos e para os adultos. Outra possibilidade para ajudar Rodrigo é o encaminhamento para esportes e atividades físicas onde ele possa encontrar canais adequados para externar sua agressividade. Por fim, temos ainda a psicoterapia que, em muitos casos, pode ser fundamental, ajudando-o a compreender seus sentimentos e lidar com as frustrações de uma forma mais saudável.

■ **Janaina, de 16 anos, pediu para sair no sábado dizendo que iria à festa de uma amiga da escola e que não queria que um educador fosse junto. Apesar do medo, a coordenadora deixou ela ir. A menina chegou às 3h30 da manhã e, embora não estivesse bêbada, dava para perceber que havia tomado alguma bebida alcoólica. O que fazer nessas situações?**

Os adolescentes que estão acolhidos desejam, genuinamente, uma vida comum, como a de qualquer outro adolescente. Sair para festas faz parte desta etapa de experimentação onde estão a todo momento

testando o que querem, o que podem, o que gostam, o que não gostam, o que faz bem, o que faz mal, entre tantas outras coisas. Assim, trata-se de uma etapa onde toda atenção se faz necessária para ajudá-lo a compreender e elaborar suas experiências. O melhor é construir com cada adolescente o caminho de experimentação possível e seguro. A proibição total não ajuda em nada. Definir horários, combinados e regras que podem ir se expandindo a partir da confiança que vai se construindo com cada um é uma boa estratégia.

- **A equipe do serviço de acolhimento está com dificuldades em colocar limites e construir uma boa relação com Keila, de 14 anos. Ela tem inventado mentiras, é agressiva, desrespeita a todos e não aceita as regras da casa. Já colocaram de castigo, brigaram, conversaram, mas ela só faz o que quer. Ninguém sabe mais o que fazer e já perderam a paciência. Como intervir nessa situação?**

Realmente é difícil lidar com uma situação em que muitas tentativas de colocar limites são frustradas. Não se abalar com a agressividade do outro é uma tarefa que requer muita paciência e jogo de cintura. O mais importante nesse caso é ter consciência dos verdadeiros motivos desse comportamento. Pensando no caso de Keila, será que a primeira reação deve ser a repreensão? O castigo? Ou será que Keila não está justamente pedindo ajuda, da forma como conseguiu? Antes das repreensões o melhor caminho é buscar referências e informações em sua história de vida para entender o tamanho do sofrimento dessa criança ou adolescente. A partir do conhecimento e de uma profunda compreensão de quem ela é, do o que passou e onde está, é que podemos entender mais facilmente determinados comportamentos e ficar mais tranquilos para lidar com ela no momento de crise. Sentar e conversar sobre seus sentimentos, suas dúvidas e medos será uma importante ferramenta para tentar acessá-la e abrir uma nova forma de diálogo e contensão.

- **Temos presenciado brigas entre os meninos da casa onde um agride o outro falando em voz alta coisas de suas histórias de vida. Jefferson, de 13 anos, quando quer provocar João, xinga sua mãe de “vagabunda” e João, de 12 anos, diz que a mãe de Jefferson é uma “assassina”. O que fazer nesses momentos?**

Cabe aos educadores e técnicos mediar os conflitos que surgem na casa colocando limites, ensinando as crianças e adolescentes a terem respeito uns pelos outros e ajudando a entender e elaborar o que estão sentindo. É comum que sintam raiva e tristeza por estarem afastados de suas famílias e, por este ser um assunto que mobiliza diversos afetos, aparece muitas vezes de forma descontrolada e agressiva com quem está perto. Colocar o limite do respeito à história de todos ajuda também cada um a lidar com a sua. Uma situação como esta mostra a necessidade de Jefferson e João em falar e elaborar suas histórias. É falando sobre o que estão vivendo, pensando e sentindo, que essa elaboração acontece. Para isso, é fundamental que encontrem adultos interessados e disponíveis, que proporcionem espaços de conversa individuais e grupais, que proponham a reflexão acerca do que vivenciam e que coloquem limites para que possam ser respeitados em suas dores, sem atuarem destrutivamente consigo mesmo e com os outros.

- **Uma menina de 16 anos acaba de chegar ao abrigo e, embora em seu registro de nascimento se chame Mateus, ela se apresenta como Michelli. Diz ter nascido “mulher no corpo de homem”. Ao recebê-la, tivemos muitas dúvidas sobre como proceder, pois ela nos pediu para ficar no quarto das meninas e usar roupas femininas. A instituição é católica e muito rígida, entendendo a transexualidade como transgressão e obrigando a equipe a seguir esta orientação. O que fazer?**

A transexualidade sempre existiu, mas é um tema que vem sendo discutido e pensado com mais frequência ultimamente. Por isso, compreender o que é a transexualidade é fundamental para lidar com a questão. A equipe do abrigo terá desafios importantes no posicionamento com a diretoria e na construção de formas de lidar com a questão no cotidiano da casa. Muitas vezes, também os profissionais da casa tem dificuldades de entender essa questão, e precisam de espaços para falar de seus preconceitos e aprender novas formas de lidar com eles. Ainda que não seja possível acolher todas as necessidades de Michelli, é fundamental que haja abertura para compreendê-la e acolhê-la com suas especificidades. Começar chamando a adolescente pelo nome que ela escolheu já é um passo importante para a vinculação com a garota. A partir desse vínculo, pensar junto à equipe técnica como respeitar sua opção sexual, bem como possibilidades de lidar com ela no abrigo se faz necessário para se posicionar junto à direção da instituição pela garantia dos direitos de Michelli.



FICHA TÉCNICA

Realização

Instituto Fazendo História

Produção de conteúdo

Isabela Lemos, João Verani, Lais Boto, Mahyra Costivelli,
Manuela Fagundes e Marcelo Melissopoulos

Revisão

Cristina Dias, Isabel Penteado e Maria de Lourdes Trassi
Teixeira

Projeto gráfico

Luciana Sion

Fotos

Isabella Campos

Instituto Fazendo História
Rua Pedro Ortiz, 114 – Vila Madalena
05440-010 São Paulo SP Brasil
Tel/fax: +55 (11) 3021-9889
contato@fazendohistoria.org.br
www.fazendohistoria.org.br



Apoio

